

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Fonoaudiologia

**“O Surdo nas escolas públicas regulares: o
discurso dos professores sobre a inclusão social”**

Carolina Lima Ferreira

Mônica Regina dos Santos

São Paulo

2008

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Fonoaudiologia

**“O Surdo nas escolas públicas regulares: o
discurso dos professores sobre a inclusão social”**

Carolina Lima Ferreira

Mônica Regina dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso,
Apresentado à PUC-SP, como
requisito parcial para obtenção do
bacharelado em Fonoaudiologia,
sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria
Cecília de Moura

São Paulo

2008

“Quando olhamos por alto as pessoas ressaltam as suas diferenças: negros e brancos, homens e mulheres, seres agressivos e passivos, intelectuais e emocionais, alegres e tristes, radicais e reacionários. Mas, a medida em que compreendemos os demais, as diferenças desaparecem e em seu lugar surge a unidade humana: as mesmas necessidades, os mesmos temores, as mesmas lutas e desejos. Todos somos um...”

James Joyce

Agradecimentos

À nossa orientadora, Prof^a Dr^a Maria Cecilia de Moura, pela amizade, pelo estímulo à realização desta dissertação e principalmente por contribuir de maneira grandiosa em nossa formação acadêmica.

Aos nossos pais, que sempre nos incentivaram nos estudos, e a todos nossos familiares, namorados e amigos que sempre tiveram calma e paciência durante os momentos de ansiedade, nervosismo e desespero de nossa parte e, ainda assim, permaneceram ao nosso lado.

À toda a turma 47, mas principalmente às nossas amigas, Andréa, Ethiene, Natally e Renata, pela amizade, carinho, apoio e cumplicidade durante esses inesquecíveis quatro anos de curso.

Agradecemos também a todos os professores, que de maneira sábia e especial, nos passaram os conhecimentos que hoje nos transformam em fonoaudiólogas.

Registramos ainda a colaboração dos profissionais de CEFAls e as professoras, sujeitos deste estudo, que com muita receptividade dividiram conosco suas experiências de trabalho.

Ao João, que com paciência e muita disposição agüentou nossas idas e vindas à biblioteca da Deric, sempre ajudando quando solicitado.

Não podemos deixar de agradecer à Fga. Sandra Campos que com muita humildade aceitou dar seu parecer à nossa pesquisa e que, com sua leitura cuidadosa, apurada, gerou preciosas orientações e contribuições para esse trabalho.

Enfim, agradecemos a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização desta pesquisa.

A inclusão Social é uma ação que combate a exclusão, geralmente ligada a pessoas de classe social não privilegiada, nível educacional fora da faixa etária, portadores de deficiência física, idosos ou minorias raciais, entre outras que não têm acesso a várias oportunidades educacionais.

A inclusão social de Surdos em escolas regulares de ensino é um assunto importante, pois se sabe que a inclusão deste no sistema regular representa um processo individual (para o aluno) e acarreta uma reorganização institucional (para a escola).

Por essa razão, tivemos como objetivo verificar se o Surdo está realmente incluído e se, pela visão do professor, ele está apto a trabalhar em sala de aula regular com esses alunos Surdos incluídos, lidando com todas as dificuldades lingüísticas e de comunicação que possam surgir.

Os dados foram levantados por meio de entrevistas semi-estruturadas com onze professores da rede pública do estado de São Paulo, onde dez trabalhavam com alunos Surdos inclusos em classe regular e um trabalhava em sala especial para Surdos. A pesquisa foi feita para compreender melhor esta atuação profissional e a socialização do Surdo com os demais alunos.

A partir deste estudo, verificamos que em relação ao social, pode-se dizer que se tenta fazer com que o Surdo esteja realmente incluído, mas no que se diz respeito ao âmbito educacional, a inclusão não acontece como prescreve a lei, pois os professores não recebem a capacitação adequada para atuar com o aluno Surdo na sala regular, e os próprios docentes não acreditam estar preparados para essa função.

PALAVRAS CHAVES: Surdo, Inclusão Social, Libras, Linguagem.

The social inclusion is an action that contests the exclusion, normally linked to not advantaged social class, educational level not compatible with the age, physical disabled, aged people or racial minority groups, between others that do not have access to different educational opportunities.

The social inclusion of the deaf in regular schools is an important subject since it is known that their inclusion on the regular system represents an individual process (to each student) and make it necessary an institutional reorganization (for the school).

For this reason, our objective in this work was to verify if the deaf is really included and if, by the professor point of view, he is capable to work in a regular school setting with these deaf included students, dealing with all the linguistic and communication difficulties that can appear.

The data was taken by semi-structural interviews with eleven professors of the public school network of São Paulo state. Ten of the teachers worked with included deaf students and one in the special class for the deaf. The research was done in order to understand better this professional work and the deaf socialization with the hearing students.

We could verify in this study that on the social part it can be said that it is tried to have the deaf really included, but to what concerns to the educational area, the inclusion does not happen as the law demands because the professors do not receive adequate training to work with the deaf student on the regular class and the professors themselves do not believe to be prepared to this function.

KEY WORDS: Deaf, Social Inclusion, Libras, Language

Para compreendermos um pouco melhor o cenário atual da educação do Surdo no Brasil é importante podermos entender como se deu essa educação no decorrer da história, ainda que de forma sucinta, para tal usaremos os dados de MOURA (2000).

O início da educação do Surdo se deu ainda na Idade Moderna (1453-1789), com Pedro Ponce de León (1520 - 1584), primeiro professor de Surdos da história. León era monge Beneditino e viveu em um monastério na Espanha, ele conseguiu ensinar os Surdos a falar, ler e escrever além de rezar e conhecer as doutrinas do Cristianismo.

No começo do século XVII, baseando-se nos ensinamentos de Ponce de León, surge Juan Pablo Bonet (1576 – 1629), espanhol, que lança mão de um alfabeto digital para ensinar a fala aos Surdos. Bonet serviu de modelo para Jacob Rodrigues Pereire (1715 –1780) língua Latina; Johann Conrad Amman (1669-1724), língua alemã; e John Wallis (1616 – 1703), ilhas britânicas, que foram os percursores da educação oralista.

Em 1775 é fundada em Paris a primeira escola para Surdos do mundo, denominada Instituto Nacional para Surdos-Mudos, também conhecido como Instituto de Paris. Seu fundador foi Charles Michael L'Épée (1712 – 1789) que acreditava que os Surdos tinham uma língua que servia para fins comunicativos, mas que esta língua não tinha nem gramática nem utilidade para o ensino da língua escrita.

L'Épée, ao pensar em facilitar o ensino da linguagem escrita para os Surdos, junta aos sinais usados por eles, marcadores da gramática do francês. Esses marcadores foram denominados sinais metódicos. L'Épée passa a usar esses sinais baseando-se na gramática do francês, visto que a língua de sinais tem uma ordem gramatical diferente da língua oral. Seu objetivo era ser fiel ao francês escrito que seria a língua de instrução dos Surdos.

Para muitos, naquela época, a oralização deveria ser o objetivo principal do trabalho educativo dos Surdos, mas, para L'Épée o treinamento em fala tomava tempo demais dos alunos, tempo este que deveria ser gasto em educação.

Já na Idade Contemporânea (1790 até os dias de hoje), o trabalho de língua de sinais com Surdos foi difundido por toda a Europa, chegando aos Estados Unidos, em 1816, por intermédio do americano Thomas Gallaudet (1787 – 1851) e do francês Laurent Clerc (1785 – 1869), que fundaram, no ano seguinte, a primeira escola pública para Surdos no país.

Com o passar dos anos, os sinais metódicos foram deixados de lado e os alunos substituíram-no pela língua de sinais americana (ASL), o alfabeto digital e o inglês escrito.

Posteriormente, fundaram-se novas escolas que seguiam os mesmos objetivos: educação dos Surdos por meio da língua de sinais, ensino da língua escrita e o desenvolvimento de conhecimentos.

Em 1880 aconteceu o Congresso de Milão que tinha como objetivo discutir a educação do Surdo. A decisão final desse congresso foi a de que os sinais deveriam ser banidos da educação do Surdo, e essa deveria ser realizada numa linha totalmente voltada para a sua oralização.

Depois do Congresso de Milão, a Europa e o Brasil foram invadidos pelas idéias do oralismo. Esse trabalho iniciou-se com um treinamento de atenção para a leitura orofacial, incluindo também elementos sonoros isolados, passando para a combinação de sons, depois palavras inteiras e por fim a fala. Com o desenvolvimento da tecnologia, em meados da década de 50, eram utilizados para a realização desse trabalho, se possível, aparelhos de amplificação sonora individual, para se ter um melhor aproveitamento auditivo. Isto trouxe bastante esperança em se conseguir transformar o sujeito Surdo em ouvinte.

Por muito tempo, o oralismo foi considerado o ideal para a educação dos Surdos, mas, na década de 60, já se tornava claro para os professores de Surdo nos Estados Unidos que o método oral (nas suas diferentes formas de trabalho) não estava proporcionando um nível suficiente de linguagem oral, leitura orofacial, articulação e habilidade de leitura que garantissem a sua validade. A partir dessa constatação e da idéia de que filhos Surdos de pais Surdos se desenvolviam melhor de que filhos Surdos de pais ouvintes, devido ao contato precoce com a língua de sinais, foi pensada uma filosofia que propiciaria um maior desenvolvimento do Surdo: a Comunicação Total.

Nas palavras de Stewart (1993:118), a Comunicação Total pode ser concebida como:

“(...) a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer input lingüístico para estudantes Surdos, a fim de que possam se expressar nas modalidades preferidas”.

A finalidade era oferecer ao aluno a possibilidade de desenvolver uma comunicação com seus familiares, professores e companheiros ouvintes. Embora a oralização não fosse o objetivo precípua da comunicação total, é, por outro lado, também uma das áreas trabalhadas para propiciar a integração do sujeito Surdo no âmbito social.

Desta forma, a Comunicação Total é definida como um direito de o aluno Surdo aprender a se utilizar dos mais variados recursos comunicativos disponíveis para desenvolver sua competência lingüística.

A história revela as fases de exclusão onde a sociedade a transformou em atendimento segregado para a integração e, hoje, em inclusão em que ela se coloca de forma disfarçada. Porém, essas fases não se processaram sempre ao mesmo tempo, e nem com todos.

No Brasil, até a década de 60, seguia-se a orientação dominante, considerando como melhor alternativa para o ensino de crianças Surdas o atendimento em separado, já que seus problemas lingüísticos as diferenciavam das crianças ouvintes. Assim, apareceram muitas escolas especiais para Surdos, onde eles eram educados, predominantemente, sob o aspecto da reabilitação oral.

Nesta época, vê-se como os Surdos eram excluídos, eram eles para “um lado” e os ouvintes para outro. Com isso surge a idéia de integração que, segundo SASSAKI (1997, p.30):

“(…) surge para derrubar a prática da exclusão social a quem foram submetidas às pessoas deficientes por vários séculos. A exclusão ocorria em seu sentido total, ou seja, as pessoas portadores de deficiência eram excluídas da sociedade para qualquer atividade porque antigamente elas eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes para trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todos que tivessem alguma deficiência.”

A partir dos anos 80, segundo essa tendência mundial de integração¹, adotou-se nova orientação no campo da educação dos Surdos onde estes,

¹ Processo que visa trabalhar com as deficiências das pessoas para que possam se reintegrar na sociedade como ser produtivo (Escolas ou classes especiais).

assegurados por lei, teriam atendimento educacional preferencialmente na rede regular de ensino, aprendendo e participando sem nenhum tipo de discriminação.

Com relação à inclusão, de forma oficial, o governo se posiciona, como pode ser visto na Lei 9394-96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional onde afirma que:

(...)Art. 4º. O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

(...)Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

CARNEIRO (1997, p.33) diz que:

"A questão da integração representa um movimento de inovação do sistema de ensino que, em princípio, já deveria existir, abrangendo as diferenças existente mesmo entre os não deficientes".

Segundo Strobel (2006), integração é entendida como um processo dinâmico de participação das pessoas, legitimando sua interação nos grupos sociais, implicando em reciprocidade. Nesse sentido, a Integração Escolar é vista como um processo gradual e dinâmico que pode tomar formas distintas de acordo com as necessidades dos alunos.

Na visão da Educação integracionalista, a parte cabível à escola seria "abrir as portas" aos alunos com deficiência, oferecendo situações individualizadas de aprendizagem (sala especial, sala de recursos), cabendo ao aluno adaptar-se à estrutura existente.

A inclusão escolar foi fortalecida pela Conferência Mundial de Educação Para Todos (1990) junto da Declaração de Salamanca, na Espanha (1994), que contou com a participação de oitenta e oito países e vinte e cinco organizações internacionais que fizeram parte de uma assembléia geral na busca de uma política de integração e de educação inclusiva.

Com base em Corrêa e Nicoloso (2004), a Declaração de Salamanca é considerada um marco na documentação em favor da educação inclusiva, entendendo que as escolas devem buscar formas de educar os portadores de necessidades especiais no sentido de modificar atividades discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de promover uma sociedade inclusiva:

(...) o princípio norteador deste Enquadramento de Ação consiste em afirmar que as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, lingüísticas e outras. Neste conceito terão de incluir-se crianças com deficiências ou superdotadas, crianças de ruas ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (...). (DECLARAÇÃO DE

SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, 1994, p.16)

Nesta proposta atual, mais inclusiva, coloca-se na escola a responsabilidade da inserção do aluno. A escola e toda equipe escolar devem se preparar e se modificar para aceitação de crianças com necessidades especiais.

Mantoan define inclusão como:

“É a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção.”

Já para SASSAKI (1997, P.41) o conceito de inclusão social se refere a um processo:

"Conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos."

A inclusão Social é uma ação que combate a exclusão, geralmente ligada a pessoas de classe social não privilegiada, nível educacional fora da faixa etária, portadores de deficiência física, idosos ou minorias raciais entre outras que não têm acesso a várias oportunidades.

Com relação à educação do Surdo, deve-se ter a clareza de que, segundo THOMA (1998, p.46):

"integração escolar e integração social não podem ser tidas como sinônimo, pois ir a escola com os demais não significa ser como os demais. Uma efetiva integração escolar depende de como cada escola aceita e trabalha com as diferenças. Para o surdo poder estar, efetivamente, incluído na classe com os ouvintes, ele necessita dominar a língua oral o que só pode ocorrer após seu desenvolvimento em língua de sinais"

Sabe-se que a integração do Surdo no sistema regular de ensino representa um processo individual (para o aluno) e acarreta uma reorganização institucional (para a escola).

Pensando-se ainda na inclusão de Surdos, a escola sempre passou por muitas dificuldades; por falta de formação dos professores que saibam Libras, por falta de intérpretes profissionais e por falta dos professores Surdos. O que vemos com relação à palavra inclusão é um conceito bonito e desejável, mas que na prática funciona como exclusão porque não se pode "jogar" a criança surda em uma escola ou uma classe comum, alegando a necessidade de "inseri-la" na escola regular.

Segundo Corrêa e Nicoloso (2004), essa atitude mostra que não há um reconhecimento da necessidade da criança Surda de ter um atendimento

cuidadoso, para que desenvolva suas habilidades comunicativas, já que, sendo ofertados a elas os instrumentos necessários à sua comunicação, seu potencial intelectual não será apenas preservado, mas seletamente estimulado. Com a colaboração de um ambiente favorável capaz de aguçar suas percepções para o mundo e para apropriar-se do conteúdo cultural do contexto sócio-cultural, seu desenvolvimento será aprimorado. A educação, vista como fenômeno de vital importância para o desenvolvimento individual e participação na vida social, veicula o saber construído, que tem como objetivo principal levar as pessoas a apropriar-se de um tipo de fazer elaborado. Desta forma, a educação visa melhorar o fazer, tendo necessariamente que maximizar as habilidades de ações práticas, concebendo a construção do saber como ato reflexivo.

De acordo com o Centro Nacional de Restruturação e Inclusão Educacional (1994):

“Educação inclusiva significa provisão de oportunidades eqüitativas a todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências severas, para que eles recebam serviços educacionais eficazes, com os necessários serviços suplementares de auxílio e apoios, em classes adequadas à idade em escolas da vizinhança, a fim de prepará-los para uma vida produtiva como membros plenos da sociedade.”
(apud SASSAKI, 1997).

Desde que a lei estabelece a inclusão dos Surdos e ela se mostra uma realidade em prática no Brasil, tivemos como objetivo nesse trabalho verificar se o Surdo está realmente incluído e se, pela visão do professor, ele está apto a trabalhar em sala de aula regular com esses alunos Surdos incluídos, lidando com todas as dificuldades lingüísticas e de comunicação que se colocam nas atividades diárias.

Os dados foram levantados por meio de entrevistas semi-estruturadas com onze professoras da rede pública do estado de São Paulo, destas, dez trabalham com alunos Surdos inclusos em classes de ouvinte e uma trabalhava em sala especial para Surdos dentro de uma escola regular. A pesquisa foi feita para poder compreender melhor esta atuação profissional e a socialização do Surdo com os demais alunos.

A entrevista foi organizada em torno das seguintes questões norteadoras:

- O que acha da educação inclusiva?
- Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?
- Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?
- Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?
- A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?
- Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?
- Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?
- O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.

Antes da realização das entrevistas todos os procedimentos éticos foram seguidos, sendo aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP sob protocolo de número 186/2008.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo nos encaminhou à Centros de Formação e Acompanhamento a Inclusão (CEFAIs) de diversas

regiões municipais para facilitar nosso contato e agendamento de visitas às escolas.

As entrevistas foram agendadas e tiveram uma duração de, no máximo, 30 minutos. Foram gravadas em áudio e transcritas em ortografia regular. O dia, local e a hora das entrevistas foram de acordo com a preferência e/ou disponibilidade do entrevistado.

Após a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido pelos professores, iniciamos a entrevista explicitando nosso objetivo de pesquisa e propondo as questões acima, que também estavam na forma escrita, ficando estas em frente ao entrevistado para deixá-lo livre a discorrer sobre o tema. A entrevistadora pôde interferir para pedir esclarecimento e/ou exemplos sempre que considerou necessário aos objetivos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada de acordo com a proposta de análise categorial de Bardin, L. (2004). Essa análise prioriza o texto como um todo, classificando seu conteúdo em temas, por diferenciação e por reagrupamento. Cada tema correspondendo à sua categoria.

A categorização pôde ser feita por dois processos: “à priori” e “à posteriori”. “À *priori*” são as que decorrem da intenção do próprio entrevistador, geralmente advindas das perguntas que ele faz na entrevista, as quais direcionam o entrevistado para um tipo específico de resposta. “A *posteriori*”, geralmente decorrem de entrevistas abertas, que, portanto, não tem um direcionamento explícito, mas também podem aparecer em entrevistas fechadas, porque o entrevistado sempre pode explicitar conhecimentos e informações que escapam ao escopo das perguntas formuladas, mas interessam ao pesquisador.

No caso desta pesquisa, tivemos categorias “a priori” que se deram com base nas questões norteadoras da entrevista. Surgiram algumas categorias “a posteriori” à medida que os entrevistados discorreram livremente sobre as questões.

Na análise do conteúdo do discurso, dentro de cada categoria, procuramos as semelhanças entre o dito pelos participantes, ou seja, aquilo que é comum a todos, e as diferenças. Isso permitiu compreender o geral e o particular do discurso dos participantes, permitindo-nos compreender a atuação do professor na área de educação inclusiva. A partir das categorias foi elaborado o capítulo de apresentação e discussão dos dados do discurso dos entrevistados.

Análise e Discussão

Em contato com os CEFAls Freguesia do Ó e Pirituba (Zona Norte) e Santo Amaro (Zona Sul) nos foi informado que nestas regiões não possuem Surdos, usuários de Libras, incluídos na rede regular, por possuir nestas regiões escolas especiais para Surdos.

O CEFAl Capela do Socorro (Zona Sul), nos informou que há Surdos incluídos na rede regular de ensino da região, mas a pesquisa não foi realizada lá, pois a coleta de dados já havia alcançado o número de indivíduos desejados. Pelo mesmo motivo não foi realizado contato com nenhum CEFAl da Zona Leste.

O CEFAl do Butantã (Zona Oeste) nos encaminhou para quatro escolas, onde realizamos entrevistas com cinco professores. Em contato com o CEFAl do Campo Limpo (Zona Sul), nos foi autorizada a realização da pesquisa no próprio local com mais cinco professores que lecionam para alunos Surdos incluídos e estavam participando de curso de Libras no próprio CEFAl, oferecido pela prefeitura do município.

Por meio da Secretaria de Educação de Osasco nos foi encaminhado uma escola fundamental do município onde se concentram todos os Surdos, em idade escolar, da cidade. Nesta escola, os alunos Surdos de primeira a quarta série são agrupados em salas especiais, exceto os que as famílias não aceitam a educação especial com base em Libras. A partir da quinta série, ainda na mesma escola, os alunos da sala especial são distribuídos nas salas regulares. Nesta instituição, foi realizada entrevista com uma professora de sala especial, completando assim onze entrevistas sobre a inclusão do Surdo no sistema educacional.

A partir dos dados obtidos por meio das entrevistas, foi feita uma análise destas respostas para melhor podermos compreender a situação dos alunos Surdos incluídos em cada região pesquisada, e poder compará-la com o discurso da professora de sala especial.

Separamos a análise dos dados em itens que consideramos que pudessem nos ajudar a entender o processo investigado.

1 - A Educação Inclusiva

Dos dez professores de inclusão entrevistados 70% consideram a idéia de incluir o aluno Surdo na rede regular de ensino boa, porém encontram obstáculos para aplicar a inclusão. Apenas 10% consideram a idéia de inclusão boa, não nos explicitando qualquer dificuldade sobre a implementação desta. 10% nos diz claramente que a educação inclusiva está excelente e os outros 10% nos deixa claro que não acreditam em educação inclusiva.

Ao serem questionados sobre o que achavam da educação inclusiva, suas respostas traziam dados como:

“Necessária, porém uma tarefa difícil né, eu diria que em alguns momentos quase impossível, você colocar um aluno na sala que é portador de necessidades né especiais e o sistema não apoiar né. Na verdade a educação inclusiva, ela tá ainda muito no papel mas não nas ações, então se vê a professora na sala de aula com o aluno e o professor normalmente ele não tem a formação né, ele não é especializado...” (professor A)

Neste depoimento percebe-se que a educação inclusiva não funciona como prescreve a lei já citada.

Em concordância com esse discurso, veremos o que é dito pela professora de sala especial ao ser questionada quanto à inclusão social:

“É um termo muito amplo né, que precisa de uma discussão muito embasada e que a gente estamos fazendo, no meu entender, no Brasil muito de

qualquer jeito e correndo. Então, assim, temos que incluir porque as pessoas não podem ficar de fora do processo educativo? Tá, então ela não pode ficar de fora a “enfio” dentro da sala regular, não dou preparação para ninguém e ele ta incluído. Não, não ta! Ele está presente. Na melhor das hipóteses ele esta presente, na minha opinião (...).” (Professor G)

Segundo LIMA (2004):

“Se, por um lado, leva-se em conta o dito dos textos oficiais, é possível conjeturar que a educação das pessoas ditas especiais encaminha-se para um futuro promissor. Por outro lado, quando se observa a realidade da escola, dos professores e alunos, verifica-se que a lei não tem assegurado e nem proporcionado condições para tal.”

No discurso de outros professores sobre a inclusão também podem ser observados algumas dificuldades para que esta seja realizada em sala de aula:

“(...) eu penso que ela é um avanço mas porém ela não tem sido posta em prática como a gente deve (...).” (Professor. F)

“Boa, para o aluno, mas confusa para os professores de sala regular.” (Professor J)

“Bom, se tivesse menos alunos em sala né (...).” (Professor C)

Nestes discursos podemos observar que o grande número de alunos em sala de aula é um dos maiores empecilhos para que os educadores pratiquem a educação inclusiva, pois esta grande quantidade de alunos faz com que o professor da sala inclusiva seja incapaz de ter um foco de trabalho em sala de aula, tendo assim que dividir a sua atenção entre os “normais” e os “deficientes”, tornando dificultosa a prática da inclusão no meio escolar.

Esta dificuldade também aparece no discurso do professor H:

“(...) na minha sala tem trinta e cinco alunos, um D.A (deficiente auditivo), um Down e um Déficit de Leitura e Escrita, então ou eu tenho que deixar os três para trabalhar com os trinta alunos ou eu deixo os trinta alunos para trabalhar com os três, então eu não acredito na educação inclusiva.” (Professor H)

Em estudo semelhante, realizado por Buffa (2002), na cidade de Bauru, verificou-se que, os professores por ela pesquisados, na sua maioria, eram favoráveis à inclusão de alunos Surdos na rede escolar, desde que fosse reduzido o número de alunos em sala de aula, que os professores recebessem orientação de profissionais especializados no atendimento desses alunos e que existisse apoio da sala de recursos, pois se sentem despreparados para lidar com alunos Surdos.

A falta de preparo dos professores da educação inclusiva é um fator a ser discutido, já que por se tratar de um assunto de certa complexidade na educação acaba por influenciar na aprendizagem do aluno Surdo.

2. Se sente preparado?

Ao serem questionados se estão preparados para trabalhar em sala regular com alunos Surdos incluídos, 90% dos professores não se sentem totalmente aptos para este serviço e apenas 10% se considera capaz para tal função, já que possui uma formação especializada em inclusão.

Em sua maioria, os professores tinham relatos semelhantes quanto à questão e para melhor explicitar essa idéia, exemplificamos:

“Não, não. Eu tenho um aluno surdo e primeiro me deram o aluno e depois me ofereceram um curso em um horário que eu já estudo porque eu faço faculdade à noite e me ofereceram um curso no horário da minha faculdade,(...) e eu passei um semestre inteiro remando contra a maré (...), tudo bem que a escola tem que se adequar pra poder receber os alunos, mas a escola também não consegue fazer isso sozinha, o professor não tem formação e se ele não tem uma linha de como trabalhar como ele vai fazer? E às vezes, na melhor das intenções, a gente acaba também dando passos errados (...)” (Professor A)

“Não, mas busco apoios para aproveitar as oportunidades na sala e adequar “situações” para o desenvolvimento individual e coletivo entre todos.” (Professor J)

Com base nesses discursos, observamos que os professores não têm previamente o conhecimento de como lidar com esse aluno incluso na sala de aula, apenas após receberem o aluno é que, em alguns casos, até por iniciativa própria, procuram informações sobre o assunto.

Segundo Lima (2004):

“(...) a implantação da política educacional de inclusão do aluno dito com necessidades educacionais especiais e, mais precisamente, o aluno surdo, acontece sem que a escola

tenha as devidas condições (estruturais, financeiras, pedagógicas e didáticas); os professores não foram preparados para realizar a inclusão escolar; são mal remunerados; a gestão escolar e a equipe de apoio ao trabalho docente pouco se envolvem com a prática pedagógica. Mantidas essas condições, dificilmente os objetivos registrados nos documentos e textos oficiais serão concretizados.”

3. Capacitação

Dos professores participantes desta pesquisa, apenas 10% eram capacitados para trabalhar com alunos Surdos incluídos. Juntamente com o período letivo, 50% dos entrevistados passam por curso básico de Libras e 30% tiveram a oportunidade mas não puderam por incompatibilidade de horário. Os outros 10% não foram capacitados mas não explicitaram se houve esta oportunidade.

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) diz em seu Plano Nacional de Educação, referente à Educação Especial que:

“Não há como ter uma escola regular eficaz quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos educandos especiais sem que seus professores, demais técnicos, pessoal administrativo e auxiliar sejam preparados para atendê-los adequadamente. As classes especiais, situadas nas escolas "regulares", destinadas aos alunos parcialmente integrados, precisam contar com professores especializados e material pedagógico adequado.”

Vejamos se os professores estão preparados para receber o aluno de inclusão e se eles foram capacitados, como prevê no documento do MEC, para que isso acontecesse:

“Eu não. Eu não. Eu não fui capacitada. (...) depois que eu peguei o aluno eu tive a possibilidade de fazer o curso mas com horário incompatível, mas acho que também não é o caminho. É cobaia o aluno? Vai fazer experiência em cima do aluno? Não! Professor tem que ter a formação pra receber o aluno.” (Professor A)”

“A princípio não, eu peguei o aluno sem saber realmente qual era o problema dele e a capacitação que eu fiz mesmo foi correr atrás, vir aqui, conversar com as meninas, fazer o curso de Libras e pesquisar muito na internet, correr atrás dos métodos pra saber o que eu to fazendo também, então tem muito, assim, por ter sido muito em cima da hora, peguei numa semana na outra já comecei a trabalhar com ele, então assim, o que eu pude fazer no início eu fiz e o restante foi só com o tempo mesmo.” (Professor K)

Esses discursos mostram que, primeiramente, o professor recebe o aluno e só depois tem a possibilidade de ser capacitado, mas, muitas vezes, essa capacitação acaba por não acontecer, pois o horário que é disponibilizado é fora do horário de trabalho, os professores precisam disponibilizar um horário sem receber para isso e ainda muitos professores não tem como fazer esses cursos, pois possuem mais de um emprego ou até mesmo fazem algum outro tipo de curso paralelamente. Dessa forma, alguns acabam por não receber a capacitação e trabalham com o aluno incluso de uma forma inadequada ou até mesmo acabam deixando este aluno de “lado”.

Percebe-se que, na maioria das vezes, os professores acabam por receber a capacitação durante o ano letivo, subentendendo-se que, ao receber o aluno Surdo, ainda não estão capacitados. O aluno passa o ano com um professor em capacitação e no ano seguinte entra em uma nova série com outro que também ainda não tem a instrumentalização, mas vai recebê-la durante o ano letivo. Monta-se assim, um círculo vicioso, em que o aluno acaba estudando sempre com um professor em capacitação ou não capacitado. Em consideração a diferença entre o real e o ideal, pergunta-se aqui, isso é o ideal para a educação do Surdo? Ele vai aprender nestas condições?

O que muito dos professores chamam aqui de capacitação é um curso básico de Libras. A questão que se coloca é: só isso capacita o professor a dar aula para um aluno Surdo? Vejamos o que diz a respeito à professora de sala especial:

“(...) você nunca está pronta né, um curso de Libras o professor tem que ter porque se ele não tem fluência em Libras como é que ele vai interagir com o aluno? Como é que ele vai passar conceitos que muitas vezes são conceitos densos, são conceitos complexos e sem uma adequação ele não consegue, se ele não tem essa via de comunicação com o aluno, sem comunicação não dá! (...) o professor que trabalha com Surdo independente da instância que ele estiver ele tem que ter língua de sinais, mesmo que o aluno esteja incluído no ensino regular... Ah! O professor fez um curso de Libras básico I e como é que ele vai explicar pro aluno, por exemplo, que a cobra não é má só pelo fato de comer o passarinho e que ela faz isso por uma questão de sobrevivência (...)” (Professor G)

Os professores precisam de capacitações para trabalhar, de forma a atender com melhor qualidade a todos os alunos, o que é confirmado no discurso de FERNANDES E LOPES (2004):

“A educação inclusiva tem de atender esses educandos com qualidade, mas tem que dar condições e especializações aos profissionais, para que os objetivos e o desenvolvimento aconteçam.”

O conhecimento de Libras pelo professor de sala inclusiva talvez seja um dos principais fatores para a qualidade na educação do aluno Surdo, e isso será discutido a seguir.

4. Libras

Das dez professoras de sala de inclusão pesquisadas, 10% tem um curso básico concluído, 50% ainda estão concluindo um curso, 10% dizem que esse conhecimento de Libras advém de pesquisas realizadas na internet e materiais enviados pela prefeitura, 10% dizem ter conhecimento mas não explicitam de onde vem o mesmo e 20% afirmam não ter conhecimento de Libras.

Vejamos alguns discursos:

“Tenho conhecimento mas é muito pouco e não tenho como utilizar esse conhecimento na sala com trinta e oito crianças, não dá, é impossível.” (Professor C)

“Eu tenho o básico né. O curso quando começou eu achei um pouco difícil, é complicado pra quem nunca teve contato, mas pra mim eu acho que pra eu poder ter o aluno de inclusão eu to me esforçando o máximo pra aprender o mais rápido possível então ampliando ele também.” (Professor K)

Aqui fica clara a dificuldade que os professores têm de utilizar o conhecimento, ainda que pequeno, que possuem da Libras na sala de aula, ou por ter muitos outros alunos que não a conhecem e poderia tirar-lhes a atenção ou ainda pelo fato de ser uma língua difícil de ser aprendida, na opinião deles.

No discurso do professor K ainda pode ser observado a importância que ele dá à Libras, dizendo que através dessa língua que o conhecimento de seu aluno pode ser ampliado, discurso semelhante ao feito por POLIDORO (2008), onde diz que:

“Portanto, o professor da sala regular deve compreender a importância da língua de sinais na educação do aluno surdo, contribuindo para o pleno desenvolvimento do mesmo. Para tanto, é necessário envolver toda a comunidade escolar com o propósito de voltarem à inclusão social do aluno surdo.”

POLIDORO (2008), diz ainda que:

“Para um professor que desconhece a língua de sinais, a interação com o aluno surdo por meio apenas da oralização é um fato que pode continuar contribuindo, não só para o fracasso na interação desse aluno, com o mundo dos ouvintes, como para o seu fracasso na aprendizagem escolar, em virtude da falta de comunicação.”

Embora a maioria dos professores pesquisados tenham algum conhecimento de Libras, esse entendimento é muito pouco para poder manter um diálogo com seu aluno e menor ainda para poder dar uma explicação detalhada do conteúdo da aula, deixando assim, o aluno Surdo com uma certa defasagem de aprendizagem em relação aos seus colegas ouvintes.

LACERDA (2006) confirma essa defasagem escolar dizendo que:

“Devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que as crianças surdas encontram-se defasadas no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade.”

5. Forma de Aprender a Leitura e Escrita

Ao serem perguntados quanto a semelhança entre a forma de aprender a ler e escrever dos Surdos com relação aos ouvintes, todos (100%) disseram que esta era distinta. Vejamos:.

“Não. Porque não escuta né, é visual, ele tem q ver, é difícil.” (Professor C)

“Não é a mesma, não é a mesma forma. Tem, lógico que tem que ser diferente. E por que não é igual? Por conta que ele não tem as mesmas possibilidades que uma pessoa né, que os outros têm, por não ouvir, então eles

têm muita dificuldade, tem que ter várias adaptações né pra tentar ajudar.”
(Professor L)

Estes discursos exemplificam os relatos de todos os professores e esclarece que existe diferença entre a forma do Surdo e do ouvinte aprender a ler e escrever, principalmente pelo déficit auditivo do aluno incluso que faz com que a aula lecionada pelo professor, que normalmente se dá de forma oral, não sirva em sua totalidade para o aluno Surdo, já que este perderá muita das informações devido à sua deficiência.

Segundo LIMA (2004):

“As declarações vinculadas às leis e aos dispositivos jurídicos pregam uma igualdade, uma integração, uma normalidade, uma universalidade que somente pode existir no plano das abstrações. Suas falas ofuscam em suas entranhas uma concepção conservadora de mundo e de sociedade. Quando se faz uma análise mais detalhada desses discursos, verifica-se que o eixo central das discussões em torno dos alunos ditos com necessidades educacionais especiais é conduzido apenas para que se enxerguem seus impedimentos, suas incapacidades, suas potencialidades remanescentes.”

No discurso de Lima, que complementa o que é dito pelos pesquisados, fica claro que a lei de inclusão, elaborada para ter uma normalização entre os deficientes e os “normais”, na verdade, os separam ainda mais, pois com ambos na mesma classe, as dificuldades apresentadas pelos alunos de inclusão, neste caso os Surdos, se deixa mostrar e comparar com a dos normais.

MACHADO (2006), diz que:

“A iniciativa de inserir o aluno surdo na escola regular é justificada, por vezes, em termos de uma visão de integração/inclusão como oferta de oportunidades educacionais uniformes. Supostamente, em virtude das diferenças entre os alunos, buscam-se ações voltadas ao atendimento dessas diferenças para a efetividade da aprendizagem.”

Com essa diferença entre a forma de o Surdo e o ouvinte aprenderem a ler, é necessário que os professores façam adaptações em suas aulas, para que o aprendizado do aluno Surdo se dê da melhor forma possível. Essas adaptações podem ser consideradas como uma contradição entre o que diz a lei, que prega a uniformidade de ensino, e o que realmente acontece na prática. Tais adaptações serão melhor discutidas a seguir.

6. Técnicas facilitadoras de aprendizado

Todos os professores (100%) utilizam-se de alguma técnica diferenciada para o aluno Surdo para que este possa ter um melhor aproveitamento escolar, mas a maioria deles se sentem, de alguma forma, inseguros ao utilizar tais técnicas, exemplificamos com três discursos:

“Sim, uso de muitas imagens, de histórias conhecidas (clássicos), de programas de TV.” (Professor J)

“(...) Uso mais o manual, o visual, menos escrita porque ela ainda não tem uma coordenação boa. Não tenho uma técnica específica não!”

“Eu utilizo jogos com ele, igual dominó de cores, que eu faço com q ele treine o que eu estou ensinando, porque assim, eu ensino pra ele igual eu ensinei semana passada cores, então agora a gente tá trabalhando com dominó de cores, com bingo de cores, tudo relacionado a cores pra ele ir treinando, ir gravando o que que é, e sempre com material concreto, esses são os materiais.” (Professor B)

Vê-se que os educadores, em sua maioria, utilizam meios como imagens, cores, alternativas voltadas para o campo visual, porém não mencionam em seus discursos a leitura orofacial ou o uso da Libras como um facilitador do aprendizado. Nenhum deles discorre ainda sobre a possibilidade de uma adaptação curricular para facilitar o aprendizado do aluno Surdo.

A lei 9394/96 assegura, em seu artigo 59, a possibilidade de uma adaptação curricular no sistema educacional aos educandos com necessidades especiais dentro de salas regulares. Todos os docentes pesquisados mencionam em seus discursos a necessidade de adaptações na técnica de trabalho com o aluno Surdo, mas nenhum deles relatam uma possível mudança curricular para melhor suprir as necessidades deste aluno.

O professor de sala especial discorda que deve ter uma facilitação para o aprendizado dos alunos Surdos. A partir de seu discurso, subentende-se que não deve se ter uma adaptação de curriculum para esses alunos. Vejamos:

“(...)eu acho que eu não precise facilitar no ensino para eles né. Eu acho que é uma teoria que a gente aprendeu “Ah! Vamos mudar o texto, vamos tirar

essa palavra que é difícil”, e hoje tenho certeza que o conhecimento que a gente tem, a formação que a gente vai buscando eu já vejo que isso não é necessário porque se a gente continuar facilitando texto, o Surdo vai continuar a ter um texto pobre porque não tem vocabulário, porque não apresenta um vocabulário rico, mas o professor cobra um vocabulário rico. Como? Se ele não tem conhecimento desse vocabulário, então não tem que facilitar.(...)” (Professor G)

Observamos neste estudo, que um dos facilitadores na aprendizagem do aluno Surdo em sala regular é a utilização de um professor auxiliar para trabalhar com esse aluno. No relato do professor B, acima citado, percebe-se o atendimento em separado que o aluno Surdo recebe, pois enquanto os seus colegas de classe estão adquirindo conhecimento de acordo com o currículo escolar, o aluno incluso está com uma professora auxiliar aprendendo coisas de um nível inferior. Pensando nesse caso, observa-se que o aluno não está realmente incluído, pois possui um atendimento separado dentro de uma sala normal, sendo assim, vale avaliar se a prática da inclusão está sendo aplicada de maneira adequada.

Em todos os dados coletados durante as entrevistas, observa-se que os alunos inclusos possuem um atendimento em separado, ressaltando a idéia de que os alunos não estão meramente inclusos.

POLIDORO (2008), em seu estudo, afirma algo semelhante:

“(...) as particularidades de cada aluno devem ser respeitadas, sendo assim, deveríamos avaliar vantagens e desvantagens de inserir um aluno surdo na escola regular sem oferecer uma educação centrada nas suas necessidades específicas.”

7- Aproveitamentos dos alunos

Dos professores entrevistados 80% acreditam que o aproveitamento do aluno incluso não é o mesmo do aluno ouvinte e apenas 20% acredita que esse aproveitamento é muito bom. E a maioria não sabe exatamente como medir esse aproveitamento do aluno incluso, não estabelecendo uma meta de trabalho. Alguns exemplos:

“Eu tenho dificuldade para medir por conta de que o que eu explico, o que eu acho que eu conquistei esta semana, na semana seguinte ela vem faltando (...). Não sei se estou fazendo certo ainda, como disse essa é a minha primeira experiência. Eu meço por meio de sondagem mesmo.” (Professor H)

“Ela, eu avalio ela como eu avalio o grupo todo junto, por ele mesmo, não tem comparação ela com o outro não, é ela ela, como eu acho, como eu creio aqui que isso a gente também põe nos documentos, que a avaliação tem que ser de cada um né sem comparação com o outro porque eles são únicos e ela também agora que ela teve muitos avanços, muitos avanços (...).” (Professor F)

Estes discursos fortalecem a idéia de que a prática da inclusão é uma tarefa difícil já que, quanto ao processo de avaliação, os professores ainda se encontram com dúvidas de como fazê-la, levando o aluno a passar de série com o conhecimento defasado.

8. Inclusão com os colegas

Dos professores entrevistados 70% referem que em relação aos colegas o aluno Surdo está incluído e 30% acreditam que não ocorre esta inclusão.

Vejam um discurso positivo desta questão:

“Com os colegas sim, eles aceitam, eles sabem brincar, sabem conversar. Do jeito dele ele consegue se comunicar com eles, mas no aprendizado nem tanto, no aprendizado ele tá um pouco defasado.” (Professor C)

Este professor deixa claro as duas diferentes formas de inclusão: inclusão social e inclusão educacional.

Enquanto a inclusão educacional tem em seu bojo o que é colocado na Declaração de Salamanca (1994), em que toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, a inclusão social diz respeito à possibilidade do sujeito poder estar na sociedade em igualdade de direitos e oportunidades, sendo aceito pelos pares ainda que diferentes dele.

Percebemos que a inclusão educacional nem sempre é o que acontece com o Surdo incluído. Segundo o discurso do Professor C, as crianças brincam e conversam com seu colega Surdo, mostrando aqui a existência da inclusão social, mas a aprendizagem, essa fica “defasada”, deixando claro que a inclusão educacional não se faz aqui, visto que esta prioriza um nível adequado de aprendizado. Podemos pensar: se o indivíduo Surdo não aprende o que o ouvinte aprende, como será a inclusão social dele mais tarde na vida?

Lacerda e Lodi dizem, em seu artigo, que:

“Todavia, para a obtenção de bons resultados educacionais no que se refere à criança surda, suas condições lingüística e cultural devem ser necessariamente contempladas. No entanto, não é isso que ocorre com freqüência nas escolas. As crianças surdas, de forma geral, não tem tido seu direito à educação respeitado, pois devido à sua dificuldade de acesso à língua utilizada pela maioria, ficam alijadas dos processos de ensino-aprendizagem; como conseqüência, após anos de escolarização, é comum estas não apresentarem um domínio mínimo dos conceitos e conteúdos ministrados, necessários ao seu desenvolvimento e à sua adequada inserção social.”

A fala do professor C contradiz com a opinião de outros professores de sala inclusiva:

“Não, não, e acredito que falta ainda, nossa, muito. O fato de você se relacionar bem com uma pessoa, isso é do ser humano, as pessoas são afetivas, ou não né, e acabam se relacionando, mas se existe uma linguagem própria pra ele se comunicar com as pessoas né, totalmente incluído é se ele se apropria dessa linguagem pra se comunicar com as pessoas e se as pessoas entendem o que ele está falando. Então não adianta também dá só pro ALUNO X o q ele precisa e não ensinar pra turma né como ele se comunica, então não, vai faltar, nossa, um bom caminho ainda.” (Professor A)

Vemos aqui que o fato de se socializar com os colegas não é considerada pelo professor como uma inclusão, visto que ele acredita que o relacionamento é algo que muda de pessoa para pessoa, o que se assemelha ao discurso de LIMA (2004) que diz:

“Conceber a integração desses alunos tendo como ponto de referência o simples ato de agrupá-los (deficientes e normais) no mesmo espaço escolar obscurece o fato de que as interações sociais não se efetivam de forma automática, ou ainda, de que em um grupo social os sujeitos tendem a eleger para suas relações interativas os pares com interesses e valores similares, esquivando-se das diferenças.”

Lima acredita que a interação social se dá pelas semelhanças e não pelas diferenças, as pessoas escolhem ficar com os seus iguais, desta forma, uma pessoa diferente dentro de sala poderia se afastar dos demais devido à falta de semelhança, por não se “adequar” ao grupo.

Este fato pode ser exemplificado no discurso do professor de sala especial em uma escola regular:

“Eu vejo como aluno da classe especial, mas ainda vejo algo muito difícil na escola. A gente tem seis salas especiais de Surdo (...) então a minha leitura é uma leitura que não tem ainda uma interação, nem entre os alunos ouvintes e nem entre os funcionários, (...) dificilmente você vê um aluno Surdo misturado e quando eles tão sempre no grupo com eles dificilmente você vê um aluno ouvinte com eles né, ...e assim, a gente sempre tem reclamações -” Ah! Eles são muito violentos, são muito grandes, eles empurram.”, e não é porque você está querendo proteger

seu aluno, mas no pátio grande isso também acontece com nossos alunos só que tem o inspetor chega lá e fala “Pára, quem que começou?.. Vou levar você para...”. Com o aluno Surdo não tem essa interferência porque não sabe como interagir,(...) Uma função comunicativa efetiva eu acho que eu quero acreditar que isso será possível daqui um ou dois anos que tenha mudado. Até porque todos os Surdos virão para cá e a gente quer continuar o projeto, então a comunicação desses alunos deve melhorar, então eu não posso dizer que existe uma inclusão social, existe a presença dele, eles estão na escola eles sabem que os ouvintes estão na escola mas ainda não estão compartilhando a mesma coisa até porque a escola não está adequada para eles.” (Professor G)

Vemos neste exemplo que os Surdos dessa escola preferem estar com seus iguais e que a interação com os outros alunos (ouvintes) da escola não acontece, por falta de comunicação. Conseqüentemente, o resultado é o isolamento (exclusão) do aluno Surdo dentro de uma escola inclusiva. Dados semelhantes são observados em discursos de outros professores:

“(...) É uma criança que já tá há três anos na escola né e se comunicava de uma maneira assim, estranha. (...) Então assim, é ele sozinho na escola, tudo bem que a escola tem que se adequar pra poder receber os alunos, mas a escola também não consegue fazer isso sozinha (...). (Professor A)

O MEC diz ainda em seu Plano Nacional de Educação, referente a educação especial que:

“O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos no que a participação da comunidade é fator essencial. A formação de recursos humanos com capacidade de oferecer o atendimento aos educandos especiais nas creches, pré-escolas, centros de educação infantil, escolas regulares de ensino fundamental, médio e superior, bem como em instituições especializadas e outras instituições é uma prioridade para o Plano Nacional de Educação.”

Vemos que, na prática, o ambiente escolar não está sensibilizado para receber este aluno Surdo: os funcionários das escolas não são capazes de se comunicar com o aluno, estes ficam sempre isolados, não sendo assim uma “perfeita integração”, como é definida pelo MEC. Agora, cabe aqui uma pergunta: Vale a pena incluir dessa forma? Isso não seria considerada uma inclusão perversa? Inserir um aluno em um local onde não é aceito apenas para fazer cumprir uma lei? Porque pensar no legal e acabar esquecendo o real, que é o que realmente acontece.

Com base em Sawaia (1990):

“é no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão (...) é o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente” (p.99).”

Com essa idéia, pode se afirmar que o sujeito não é excluído por si só, a sociedade é que coloca o sujeito fora do grupo por não saber lidar com as diferenças. Sendo assim, a inclusão, da maneira que acontece, é definida para Sawaia como uma Inclusão Perversa, que perpetua os sujeitos numa situação em que ele não tem os mesmos direitos o as mesmas possibilidades de vida daquele que está plenamente incluído de acordo com as normas sociais.

Moura (2008) diz que:

“Mas, não podemos deixar de citar a incongruência da própria lei quando verificamos que pelo próprio MEC está em tramitação uma portaria em versão preliminar que estabelece o fim da escola de Surdos em favor da inclusão de todos que apresentam uma diferença. Aspectos essenciais colocados no decreto 5626 não são levados em consideração. O governo ignora a si mesmo e se ele se ignora o que podemos esperar dos sistemas educacionais? Temos que continuar batalhando para que o que foi conseguido até agora não seja perdido e precisamos nos indagar: Como podemos conviver com duas realidades tão distintas? A esquizofrenia se coloca: faça isso, mas sem o fazer...” (p. 105)

Concordamos ainda com MOURA (2008) quando ela diz que:

“Uma transformação radical nos paradigmas estabelecidos se faz necessária se desejarmos que todo o cenário relacionado

ao sujeito surdo seja mudado. O que temos atualmente? Um cenário montado sobre a deficiência e sobre a necessidade de transformação do surdo em alguém que seja muito semelhante aos ouvintes. Mesmo com a lei e sua regulamentação, a realidade mostra-se avessa a uma inclusão verdadeira.” (p. 104)

9. Desabafo

O despreparo e a falta de incentivo ao professor faz com que seu trabalho se torne mais árduo. Em alguns momentos isso acaba por se refletir na vida pessoal de forma angustiante, pois os obstáculos encontrados no trabalho com o aluno de inclusão, na maioria das vezes, não são superados, tornando o trabalho do professor insatisfatório, o que, conseqüentemente, se reflete na defasagem do aprendizado do aluno.

A questão da angustia do professor em relação ao próprio trabalho é visível no discurso de alguns professores:

“(...) Eu chamei a mãe e perguntei pra mãe se ela achava justo deixar o filho dela se comunicando com o mundo daquela maneira, se ela não tinha conhecimento de que havia uma linguagem própria pra ele se comunicar com o mundo (...) porque quando a professor B chegou na sala eu descobri que o caminhos que eu estava tomando com o aluno X não era os caminhos corretos, ela chegou me mostrando um outro caminho, eu peguei o alfabeto em Libras e parti do alfabeto e não é, não é só isso, tem muitas coisas que é um gesto né (...) É cobaia o aluno? Vai fazer experiência em cima do aluno? Não! Professor tem que ter a formação pra receber o aluno (...)” (Professor A)

E ressalta ainda:

“Essa criança chorava na sala, chorava. Principalmente quando nós nos estressávamos. Chorou ele, chorou eu. Teve dia que vinha pra minha casa arrasada porque ele percebia que ele não estava sendo atendido nas necessidades dele. Como você pode deixar um aluno na sala de aula e saber que ele não tá sendo atendido e que ele tá se tornando um ótimo copista? Ele copia muito bem, e o entendimento, onde que fica?(...)” (Professor A)

Vemos que a angústia desse professor se mostra em saber que a família não se interessa pela criança e também no fato de ter ciência que o aluno merece um conhecimento mais abrangente e, por este não acontecer, percebe que o professor não está sendo “capaz” de cumprir sua função de educador.

Outros professores também trazem depoimentos interessantes:

“(...) Eh...já foi conversado com os pais tá mas infelizmente os pais não se preocuparam. Desde o primeiro ano eu peguei essa criança então já falei pra mãe que ele tinha problema tá, a mãe não levou numa fonoaudióloga, ele não usava aparelho, então ficou sem usar aparelho na primeira, na segunda, ganhou o aparelho esse ano e mesmo assim ele não utiliza (..)” (Professor C)

Neste discurso mostra-se também que a angústia maior do professor está no fato de a família não se preocupar com a criança e a escola e o próprio educador não poder fazer muito mais pelo aluno.

Vemos em outros discursos que a família não é a única preocupação dos professores:

“(...) eu acho que não dá pra você dizer pra outra pessoa assim:” Ah, você a partir de hoje você é inclusão tá, você vai ter aluno assim!”Porque isso reflete a gente mesmo, você vai ter que ver o contexto que você tem, você vai ter que romper, você vai ter medo e esse medo só sai na hora que você encontra um apoio, que você encontra alguém né, ou então q você vai buscar meio para que você supere (...)” (Professor F)

O que podemos observar nesse discurso é que para a inclusão ser bem feita, isso não depende apenas da capacitação do professor mas também de suas questões pessoais, pois estas podem acabar interferindo na realização ou não da inclusão.

Fechamos esta análise com um discurso de um professor que nos chamou muito a atenção:

“Acredito que nenhum Surdo ou “deficiente” realmente esteja incluído, pois ainda é uma “realidade” recente e com isso, tudo são “experiências”, há muitas tentativas com acertos e erros, acredito que num futuro poderá haver a inclusão “na palavra” e no sentido real.” (Professor J)

Conclusão

No Brasil, nas últimas décadas, ocorreram muitas mudanças, nas instâncias sociais e políticas para que o Surdo fosse incluído na escola regular de ensino, tendo assim, direitos iguais a todos os outros alunos, deficientes ou não.

Sabemos que só a lei e seu decreto não tornam realidade a educação inclusiva e que a inserção do aluno com necessidades especiais dentro da sala de aula deva acontecer de uma forma gradativa, visto que o sistema deve adequar-se para receber estes alunos de forma a proporcionar uma educação de qualidade para todos, tanto para os ditos “normais” como para os com necessidades especiais de educação, como no caso deste estudo, os Surdos.

A proposta de inclusão mostra-se frágil no sentido de o discurso inclusivo contradizer a realidade da educação brasileira, que se caracteriza por instalações físicas impróprias, superlotação nas classes, professores, em sua maioria, despreparados para trabalhar com esses alunos de inclusão. Essas condições do sistema educacional colocam em questão a própria idéia da política inclusiva que propõe a inserção dos alunos com necessidades educacionais especiais nos contextos escolares atuais.

No caso do aluno Surdo, apesar de ele estar fisicamente presente em uma sala regular de ensino, em muitos aspectos ele não é considerado propriamente como um aluno, mas como alguém que se desconhece o funcionamento e mais importante ainda, a língua. Desta maneira, como tudo é aceito daquele com quem não se pode conversar, cria-se uma falsa idéia de que a inclusão é um processo satisfatório.

Levando-se em conta o contexto atual, a maneira como a educação inclusiva se aplica no ensino regular restringe a aprendizagem do aluno Surdo, pois proporciona oportunidades reduzidas de desenvolvimento, tais como: a questão da identidade Surda; aspectos sociais, lingüísticos e afetivos e o aprendizado per si, que só podem se desenvolver apoiados na linguagem.

Visto que a língua materna dos Surdos é a Libras e que tanto professores quanto colegas de sala inclusiva desconhecem esta língua, explica-se essa falta de comunicação que se dá entre eles, ocorrendo assim, uma defasagem na socialização do Surdo e no seu processo de aprendizagem. O mesmo acontece quando o Surdo não tem contato com um adulto usuário da Língua de Sinais: a criança acaba entrando na escola sem nenhuma língua adquirida deixando-se ao professor ainda este ensinamento (que ele é incapaz de realizar), ficando cada vez mais difícil de o aluno acompanhar o resto da turma de sala.

A partir desta pesquisa, ficou claro que, por mais que a maioria dos professores acreditem ou digam acreditar na inclusão, em relação ao social, pode-se dizer que tenta-se fazer com que o Surdo esteja realmente incluído, visto que esse aluno, dito especial, é aceito pelo grupo. O sinal de que esta inclusão é fictícia se dá quando, muitas vezes, o aluno de inclusão acaba por optar em ficar sozinho, por não se identificar com os demais colegas. Já no que se diz respeito ao âmbito educacional, a inclusão não acontece como prescreve a lei, onde se defende uma educação igual a todos com nível adequado de aprendizagem.

Pudemos observar, pelo discurso dos professores, que o aluno Surdo sempre está defasado em relação a seus colegas ouvintes no que se diz respeito à educação, porém, sabemos que não compete aos docentes a solução para essa problemática, visto que eles só possuem formação para trabalhar com crianças “normais” e que, para trabalhar com um aluno incluído dentro dessa sala, precisariam de uma capacitação, uma aprendizagem sobre a didática de trabalho para uma real atuação com esse aluno Surdo, para que sua aprendizagem se desse da melhor forma possível.

A lei de inclusão defende que o aluno Surdo tenha professores capacitados para a educação deles nas classes comuns. O que percebemos com este estudo é que os docentes acabam recebendo o aluno de inclusão antes de serem aptos para essa função e que, quando possível, acabam fazendo a capacitação (curso básico de Libras) ao mesmo tempo em que corre o ano letivo. Alguns professores

não conseguem fazer o curso de capacitação e passam o ano lidando com um aluno sem serem capacitados para trabalhar com ele.

Outra questão importante a ser levantada é a de que os cursos de Libras oferecidos pela prefeitura são de curta duração.

A Língua Brasileira de Sinais têm sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis lingüísticos, sendo esta estrutura diferente da encontrada na língua oral. Desta forma, por a Libras se tratar de uma língua rica e complexa, se torna difícil adquirir um bom conhecimento desta em menos de um ano, conhecimento este que se torna importante para que os professores passem as informações necessárias no ensino do aluno Surdo.

Seguindo esse pensamento, vemos aqui a ambigüidade da lei, que garante ao aluno Surdo, professores especializados mas só oferece curso capacitante para os docentes que já possuem o aluno com necessidades especiais incluído em sua sala. Mesmo essa lei não garante que todos os professores sejam capacitados, pois não disponibilizam horários para a realização dos cursos, sendo os professores obrigados a fazerem cursos em horários disponíveis sem nenhuma remuneração para tal.

É importante levar em conta outro aspecto: seria o aprendizado de LIBRAS condição suficiente para o professor poder atuar com seu aluno Surdo incluído?

A especificidade do Surdo, sua forma visual de estar no mundo, interagir e aprender exigem técnicas que não são passadas num curso de aprendizagem de uma língua. Como já foi dito, os professores precisam de uma prática pedagógica e metodológica específica para trabalhar com esse aluno especial, pois apenas a Língua de Sinais não é capaz de garantir ao professor meios suficientes para transmitir o conhecimento que o aluno necessita. Desta forma, muito mais seria necessário para que o que a lei pede seja cumprido: formação real dos professores.

Com todos esses dados levantados, vemos que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que haja uma inclusão real e funcional dos alunos Surdos dentro de uma sala regular de ensino.

Bibliografia

BUFFA, M. J. M. B. ***A inclusão da criança deficiente auditiva no ensino regular: uma visão do professor de classe comum.*** Dissertação (Mestrado em Ciências) – Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, Universidade de São Paulo, Bauru, 2002.

CARNEIRO, R. **Sobre a Integração de Alunos Portadores de Deficiência no Ensino Regular.** Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC, 1997.

CORRÊA, I. B.; NICOLOSO, A. **Inclusão escolar: Um olhar sobre a diversidade.** Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, vol. 2 n. 7 – out./dez./2004.

FERNANDES, C.E.; LOPES, S.C. **Uma reflexão sobre a educação especial e a educação inclusiva no Brasil.** Rede SACI. 2004.

LIMA, M. do S. C., **Surdez, Bilingüismo e Inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito,** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004. 261p.

LACERDA, C.B.F. de, **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006

LACERDA, C.B.F. de; LODI, A.C.B. **A difícil tarefa de promover uma inclusão escolar bilíngüe para alunos surdos.** GT: Educação Especial / n.15, 2007.

LOPES, M. C. A mediação material e sígnica no processo de integração de crianças surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **Educação x Exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

MACHADO, P.C. Integração/inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo in QUADROS, R. M. de (org). **ESTUDOS SURDOS I.** Petrópolis, RJ: Arara azul, 2006. p. 37-74.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Declaração de Salamanca e linha de ação – sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: MAS/CORDE, 1994.

MOURA, M.C., **O SURDO: Caminhos para uma Nova Identidade.** Rio de Janeiro, Ed. Revinter, 2000.

MOURA, M.C., As leis e a realidade in MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. de. **Educação para Surdos: Práticas e Perspectivas.** São Paulo: Livraria Santos, 2008.

POLIDORO, E.A.P., **Situação do aluno surdo em classe regular na ótica de professores de algumas disciplinas do ensino médio de uma escola estadual de São Paulo**, Tese de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

PAIVA E SILVA, A. B. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor**. [Dissertação de Mestrado]. Campinas/SP: UNICAMP, 2000.

SÁ, N. R. L. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SASSAKI, R. K. **Inclusão. Constituindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SAWAIA, B. **As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

SKLIAR, C.B. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: Skliar, C.B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, p.5-6, 1998.

STEWART, D. A. Pesquisa sobre o uso de sinais na educação de crianças surdas in MOURA, M.C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. C. (Ed.). **Língua de Sinais e Educação do Surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.

STROBEL, K.L. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos**, Dossiê “Grupo de Estudos Surdos e Educação”, Campinas, v.7, n.2, p.244-252. 2006.

THOMA, A. S. **Os Surdos na Escola Regular: Inclusão ou Exclusão?. Reflexão e Ação**. Vol.6, n.2, jul/dez. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2000.

Diretrizes e Bases da educação Nacional – LEI 9394-96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.cefetce.br/Ensino/Cursos/Medio/Lei.htm>>. Acessado em: 15/10/2008

Definição de Inclusão Social. Disponível em: <[HTTP://pt.wikipwdia.org/wiki;Inclus%C3%A3o_social](http://pt.wikipwdia.org/wiki;Inclus%C3%A3o_social)>. Acessado em 27/03/2008

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – Educação Especial. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/plano1.pdf>>. Acessado em 08/11/2008

AneXOS

Anexo I

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Senhor (a)

Eu, Carolina Lima Ferreira, fonoaudióloga estagiária, portadora do CPF 353.022.388 - 7, RG 42.438.010-9, estabelecido (a) na Rua Manoel Antônio de Moraes, nº 24, CEP 06950-000, na cidade de Jujutiba, cujo telefone de contato é (11) 4681 2885, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é "O Surdo nas escolas públicas regulares: o discurso dos professores sobre a inclusão social."

O objetivo deste estudo é de Verificar se o Surdo está realmente incluído e se, pela visão do professor, ele está apto à trabalhar em sala de aula regular com esses alunos Surdos incluído, lidando com todas as dificuldades lingüísticas e de comunicação e necessito que o Sr.(a). forneça informações à respeito de sua experiência sobre o tema, cujas perguntas estão em anexo, devendo ocupá-lo (a) por no máximo, 60 minutos para completar as respostas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de 8 perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação não trará qualquer benefício direto mas proporcionará um melhor conhecimento à respeito da sua área de atuação, que em futuros tratamentos fonoaudiológicos poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr (a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o pesquisador acima descrito.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na instituição

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pacientes, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr (a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “O Surdo nas escolas públicas regulares: o discurso dos professores sobre a inclusão social.”

Eu discuti com a fonoaudióloga estagiária Carolina Lima Ferreira sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

_____ Data ____/____/____

Assinatura do (a) pesquisador (a)

CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Senhor (a)

Eu, Mônica Regina dos Santos, fonoaudióloga estagiária, portadora do CPF 345.888.638-94, RG 35.188.167-0, estabelecido (a) na Rua Marcolino Vaz Figueira, nº 4, Casa 421 CEP 05549-130., na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) 3782 5896, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é “O Surdo nas escolas públicas regulares: o discurso dos professores sobre a inclusão social.”

O objetivo deste estudo é de Verificar se o Surdo está realmente incluído e se, pela visão do professor, ele está apto à trabalhar em sala de aula regular com esses alunos Surdos incluído, lidando com todas as dificuldades lingüísticas e de comunicação e necessito que o Sr.(a). forneça informações à respeito de sua experiência sobre o tema, cujas perguntas estão em anexo, devendo ocupá-lo (a) por no máximo, 60 minutos para completar as respostas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de 8 perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação não trará qualquer benefício direto mas proporcionará um melhor conhecimento à respeito da sua área de atuação, que em futuros tratamentos fonoaudiológicos poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr (a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o pesquisador acima descrito.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na instituição

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pacientes, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr (a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “O Surdo nas escolas públicas regulares: o discurso dos professores sobre a inclusão social.”

Eu discuti com a fonoaudióloga estagiária Mônica Regina dos Santos sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

_____ Data ____/____/____

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo II

Entrevista Professores A e B

Obs: Professor A é o professor titular e o professor B é o segundo professor da turma, contratado principalmente para lidar com o aluno de inclusão.

- **O que acha da educação inclusiva?**

Professor A: Necessária, porém uma tarefa difícil né, eu diria que em alguns momentos quase impossível, você colocar um aluno na sala que é portador de necessidades né especiais e o sistema não apoiar né. Na verdade a educação inclusiva, ela tá ainda muito no papel mas não nas ações, então se vê o professora na sala de aula com o aluno e o professor normalmente ele não tem a formação né, ele não é especializado. Não é que não tenha vontade não, mas fica numa busca insana e muitas vezes solitárias de saber que o aluno dele precisa de mais, que a lei garante ao aluno dele muito mais e que não tem, então acaba excluindo o professor, o aluno da educação inclusiva e os colegas também, da sala.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Professor A: Não, não. Eu tenho um aluno Surdo e primeiro me deram o aluno e depois me ofereceram um curso em um horário que eu já estudo porque eu faço faculdade à noite e me ofereceram um curso no horário da minha faculdade, e eu passei um semestre inteiro remando contra a maré, então eu fui atrás em uma outra escola porque eu fiquei sabendo que tinha uma professora que também tinha um aluno Surdo também, então que a mãe tinha atendimento na USP, a mãe

e o filho passavam pela psicóloga e pela fono, então eu fui atrás dessa mãe, a coordenadora pedagógica foi em São Roque atrás de profissionais especializados também, buscamos na internet, pegamos um material que tinha na escola, mas tem que ter conhecimento, de como trabalhar, de como atender. É uma criança que já tá há três anos na escola né e se comunicava de uma maneira assim, estranha. Eu chamei a mãe e perguntei pra mãe se ela achava justo deixar o filho dela se comunicando com o mundo daquela maneira, se ela não tinha conhecimento de que havia uma linguagem própria pra ele se comunicar com o mundo, e essa criança, a irmã dele também é surda, ela está na sexta série. Então assim, é ele sozinho na escola, tudo bem que a escola tem que se adequar pra poder receber os alunos, mas a escola também não consegue fazer isso sozinha, o professor não tem formação e se ele não tem uma linha de como trabalhar como ele vai fazer? E às vezes, na melhor das intenções, a gente acaba também dando passos errados, porque quando a professora B chegou na sala eu descobri que o caminhos que eu estava tomando com o aluno X não era os caminhos corretos, ela chegou me mostrando um outro caminho, eu peguei o alfabeto em Libras e parti do alfabeto e não é, não é só isso, tem muitas coisas que é um gesto né professora B?

Professor B: Cada palavra tem seu sinal próprio, você não usa datilogia. Datilogia é só pra nome e endereço o resto tudo é sinal.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Professor A: Eu não. Eu não. Eu não fui capacitada. Eu tive a possibilidade de fazer o curso depois que eu recebi o aluno, depois que eu peguei o aluno eu tive a possibilidade de fazer o curso mas com horário incompatível, mas acho que também não é o caminho. É cobaia o aluno? Vai fazer experiência em cima do aluno? Não! Professor tem que ter a formação pra receber o aluno.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Professor A: A partir do aluno X que eu fui atrás porque pra falar a verdade não me chamava muito atenção não, não por descaso, mas não tinha o olhar voltado pra isso. A partir do aluno X que eu fui procurar material na escola, material na internet, que eu fui ter contato com Libras.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Professor A: Não. Agora o porquê a prof B que vai falar.

Professor B: É porque quando a pessoa é ouvinte é mais fácil, você escuta e de tanto repetir a mesma coisa você acaba pegando pelo som, pela fonética. Agora quem é Surdo, nunca escutou, ainda mais quando é Surdo que já nasceu Surdo, nunca escutou, não sabe o que que é, então pra você ensinar primeiro tem q mostrar um material concreto pra ele, pra ele ver o que que é, pra eles pegarem, pra depois você ensinar em Libras o que que é pra depois você tentar alfabetizar a criança. É um trabalho mais longo do que simplesmente alfabetizar, muitas das vezes você vai conseguir ensinar ele Libras tudo, mas alfabetizar é muito difícil, demora uns dois anos mais ou menos pra você conseguir alfabetizar mesmo a criança.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Professor B: Eu utilizo jogos com ele, igual dominó de cores, que eu faço com q ele treine o que eu estou ensinando, porque assim, eu ensino pra ele igual eu ensinei semana passada cores, então agora a gente tá trabalhando com dominó

de cores, com bingo de cores, tudo relacionado a cores pra ele ir treinando, ir gravando o que que é, e sempre com material concreto, esses são os materiais.

Professor A: Essa criança chorava na sala, chorava. Principalmente quando nós nos estressávamos. Chorou ele, chorou eu. Teve dia que vinha pra minha casa arrasada porque ele percebia que ele não estava sendo atendido nas necessidades dele. Como você pode deixar um aluno na sala de aula e saber que ele não tá sendo atendido e que ele tá se tornando um ótimo copista? Ele copia muito bem, e o entendimento, onde que fica? Então, quando eu comecei a mostrar pra ele o alfabeto em Libras e eu mostrei pra sala também, ele também reagiu na disciplina, porque ele também recusou, houve a recusa no primeiro momento. E agora q a prof B chegou, que tá mostrando pra ele, ele tá mais calmo, tá aprendendo e ele tá mais calmo. Mas nós até levamos a turma também na sala de informática pra mostrar pra turma e ele aprendeu algumas palavras na sala de informática, como banheiro, por exemplo, mas hoje ela (prof. B) mostrou pra ele que não é só a palavra, que assim (fez sinal de banheiro) ele tá falando banheiro de cômodo mas tem tudo um gesto pra ele falar “eu quero ir ao banheiro”, só que aqui na informática ele havia aprendido banheiro, então ele fazia pra mim o gesto de banheiro e eu já entendia q ele quer ir ao banheiro e ela (prof. B) não, e hoje ela ensinou pra ele que não, que tem uma frase completa: “eu quero ir ao banheiro”.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Professor A: Hoje eu penso que é um bom aproveitamento e eu percebo isso através da devolutiva. Ele tá se interagindo com a prof B, ele tá entendendo o que ela tá falando.

Professor B: Ele, hoje, hoje eu até percebi que igual teve uma hora que tava corrigindo a lição na lousa ele pediu pra também falar a palavra lá e ele foi

selecionando pra mim a palavra em Libras e eu fui colocando na lousa, e ele ficou super contente entendeu? E muitas das coisas que eu ensino pra ele eu também to ensinando pras crianças da sala, porque ele às vezes ele tem vergonha de fazer os gestos, porque Libras não é só os gestos você também tem que fazer muita mímica, o rosto mexe, sabe aquela coisa toda né? E ele tem muita vergonha disso só que aí eu falo pros amigos dele e aí os amigos falam também aí ele já fica mais calmo, porque no começo também quando eu coloquei ele pra fazer os gestos ele não queria não, fazia brincadeira dos gestos tudo, mas agora não, ele já tá fazendo certinho eu ensino pra ele e ele faz, qualquer coisa q ele precisa ele vem me procura, me puxa pro lado, até às vezes tem que deixar fazer as coisas sozinho porque sempre ele quer atenção, que eu sempre dê atenção só pra ele, ele não quer que eu fique com os outro também né. Eu acho q agora ele tá, assim, tá se interagindo com a sala né.

Professor A: Bom relacionamento ele sempre teve, as crianças gostam dele, ele tem bom relacionamento, agora às vezes ele levava vantagem né, porque ele não ouve então ele abaixava a cabeça, não quero ouvir, não quero nem perceber seu descontentamento comigo, então ele abaixava a cabeça e nessa ele levava melhor encima dos colegas, um bom relacionamento ele sempre teve, assim, com as crianças.

O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.

Professor A: Não, não, e acredito que falta ainda, nossa, muito. O fato de você se relacionar bem com uma pessoa, isso é do ser humano, as pessoas são afetivas, ou não né, e acabam se relacionando, mas se existe uma linguagem própria pra ele se comunicar com as pessoas né, totalmente incluído é se ele se apropria dessa linguagem pra se comunicar com as pessoas e se as pessoas entendem o que ele está falando. Então não adianta também dá só pro ALUNO X o q ele

precisa e não ensinar pra turma né como ele se comunica, então não, vai faltar, nossa, um bom caminho ainda.

Professor B: Por isso que quando você tá ensinando a criança em Libras você também tem q falar a palavra pra ela pra ela aprender a oralidade entendeu, pra ela ler seus lábios e ela saber o q você tá falando, o q significa aquilo, porque nem tudo mundo sabe Libras, nem todo mundo. Vai demorar muito pra Libras tornar, assim, uma coisa q todo mundo vai saber, então ele aprendendo, pelo menos ele sabendo ali na hora q está lendo seus lábios o q mais ou menos você tá falando também é bom pra criança, não é só Libras, porque pra falar ele fala algumas coisas, sabe, o som assim ele faz, ele sabe fazer o som e tudo. E aí agora eu falo com ele em Libras e também faço na boca pra ele ir pegando entendeu.

Anexo III

Entrevista Professora C

- **O que acha da educação inclusiva?**

Bom, se tivesse menos alunos em sala né, bom pra eles, assim, eles tarem incluídos.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Não muito.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Não fui capacitada.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Tenho conhecimento mas é muito pouco e não tenho como utilizar esse conhecimento na sala com 38 crianças, não dá, é impossível.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não. Porque não escuta né, é visual, ele tem q ver, é difícil.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo?**

Raramente.

Quais?

Figuras, então eu dou pra ele alguma folha com figuras, alguma coisa desse tipo e ele olhando ele reconhece vogais, pra você ter uma idéia entendeu, as vogais, aí ele consegue fazer alguma coisa, mas consoantes, escrever palavras, isso, infelizmente não.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Ele não tem o mesmo aproveitamento dos outros. Eh...já foi conversado com os pais tá mas infelizmente os pais não se preocuparam. Desde o primeiro ano eu peguei essa criança então já falei pra mãe q ele tinha problema tá, a mãe não levou numa fonoaudióloga, ele não usava aparelho, então ficou sem usar aparelho na primeira, na segunda, ganhou o aparelho esse ano e mesmo assim ele não utiliza. Como? É impossível! Não sei.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Com os colegas sim, eles aceitam, eles sabem brincar, sabem conversar. Do jeito dele ele consegue se comunicar com eles, mas no aprendizado nem tanto, no aprendizado ele tá um pouco defasado.

Anexo IV

Entrevista Professor D

- **O que acha da educação inclusiva?**

É boa mas se tivesse menos alunos na sala de aula, e se tivesse menos aluno daria para dar um atendimento privilegiado

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Não porque a gente não tem apoio. Tem o pessoal da Secretaria que vem aqui, conversa com a gente as vezes.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Não!

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Não conheço Libras, então é essa dificuldade que a gente tem. Gostaria de fazer o curso, existe o curso gratuito da prefeitura para fazer mas não temos a liberação do trabalho para fazer.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não é a mesma porque eles vão ter a linguagem de sinais. A alfabetização deles vai ser a partir da linguagem de sinais. Eles vão conhecer as letras mas vão ter aquela letra como base né, eles vão fazer a linguagem dos sinais, entendeu?! Até porque nos orientaram que tem algumas palavras que você faz o gesto já direto e não usando o alfabeto usando o A, B e o C. Então por exemplo: que para determinar um animal já tem o gesto para determinado animal que identifica aquele animal. Então algumas coisas ela (referindo-se a pessoa do CEFAP que as visita as vezes) nos orientou mas muito pouquinho, então a gente percebe que, eu não sei se a criança não vai se alfabetizar porque ela tem 4 anos, mas eu tenho uma noção que quando for maiorzinho a professora vai saber que técnica usar mas vai ter que conhecer que por exemplo: o leão tem um gesto, o macaco outro gesto. Então ela não sei como vai agir para identificar esses gestos e cada animal

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Na questão de vídeos nós temos vários vídeos com linguagem (sinais). Várias histórias dentro da literatura que tem linguagem (sinal). E as outras crianças prestam mais atenção que que ela. Agente percebe que por exemplo, na historia dos três porquinhos as outras crianças tentam até repetir (sinais), ficam olhando e ela se desliga. E o objetivo é mais voltado para ela né?!

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

No caso dela a nossa proposta não é alfabetização. Como é primeiro estágio é mais a socialização deles, autoconhecimento, formação de caráter, conhecimento corporal

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Ah, acho que sim, ela se dá muito bem com os amiguinhos, eles tão sempre brincando!

Anexo V

Entrevista Professor E

- **O que acha da educação inclusiva?**

A educação inclusiva é boa mas a maneira que está sendo aplicada não é legal, porque tem 35 alunos na sala de aula, as vezes até mais quanto professor falta.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Não, porque não tem apoio né. O pessoal do CEFAl, às vezes trazem apostilas. Vieram 3 vezes, até ajudou muito com detalhezinhas dos uso de brinquedos, de como nós agimos. Então a gente percebe que a participação dela porque ela conseguiu a linguagem.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Não! Nunca.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Não conheço a linguagem de sinais e nem a professora D. mas nós gostaríamos de fazer o curso. Até propomos para a coordenadoria em fazer o curso. Na prefeitura, eles fornecem um curso de Libras, mas para nós fazermos nós teríamos, eles não liberam no nosso horário de trabalho. Mesmo que seja uma ferramenta muito boa para se trabalhar, mas daí saiu no diário oficial que não podemos sair para fazer o curso no horário de trabalho.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não é a mesma não. Deveria ter uma professora especial para isso, entendeu?! Porque a não ser que as professoras sejam capacitadas e que não é o caso, porque se não a gente fica brincando de dar aula. Porque ela (aluno) vem aqui e a gente não vai trabalhar exatamente, diretamente com ela porque eu não entendo a linguagem dela. E enquanto as pessoas não me capacitarem ela vai continuar sempre faltando alguma coisa para ela crescer, entendeu?!

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Qualquer atividade procuro misturar o visual para ela, para todos, colorido mas é ela que se desliga. Nas atividades normais a gente explica para as crianças que conforme eles vão fazendo ela vai observando, então ela faz não porque ela não entendeu, mas porque ela tá vendo o outro como faz. Então umas das técnicas é colocá-la próxima de uma criança que está mais desenvolvida ali na observação.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Ela participa, ela aprende algumas coisas, mas não sei te dizer não sei te dizer se é exata de como as outras crianças porque ela não consegue responder.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Bom, eu percebo que eles brincam, até que se entendem bem né. Então eu acho que assim...a criança está incluída sim.

Anexo VI

Entrevista Professor F

- **O que acha da educação inclusiva?**

...eu penso que se reconhecer lógico o curso de capacitação e tudo mais, é, eu acho que é mais a forma como você vê o mundo, eu acho que isso não vem potencialmente, eu acho que não dá pra você dizer pra outra pessoa assim: “Ah, você a partir de hoje você é inclusão tá, você vai ter aluno assim!” Porque isso reflete a gente mesmo, você vai ter q ver o contexto q você tem, você vai ter q romper, você vai ter medo e esse medo só sai na hora q você encontra um apoio, que você encontra alguém né, ou então q você vai buscar meio para q você supere, então eu acho assim, eu penso que ela é um avanço mas porém ela não tem sido posta em prática como agente deve.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Eu fiz curso de DAC né, eu tenho FMU, apesar de que eu nunca havia tido aluno Surdo, olha que engraçado, eu já tive deficiente mental, autista, mas eu nunca tive um Surdo na minha sala, esse é o primeiro ano e eu quis, foi uma opção minha, que nem ela (se referindo à diretora) disse, ela marca as salas que estão com inclusão na hora da escolha, aí não é que ela, ela fala olha: “a gente tem esse aluno, esse aluno”, pra ver se alguém primeiro se movimenta em direção a querer: “não, eu quero esse aluno”. Então já era uma coisa que eu pedi, eu falei, nossa, é uma coisa que eu quero ter na minha vida, porque eu tenho a parte teórica lindo maravilhoso, mas eu não tenho a prática, e mesmo porque Libras a gente não teve na faculdade naquele ano, era quando tava iniciando isso e não tinha Libras, você entrava com toda a parte técnica: deficiência, o que que é,

ouvido interno, tudo isso aí a gente tinha, mas a gente não tinha Libras. Então a gente acabou fazendo uns cursinhos assim, aqueles cursinhos que não são, porque a Libras é que nem uma língua, se você não colocar em prática amiga, não é, esquece né. E aqui, o que a gente tem feito com ela, a gente tem professora que fica sem sala, esses de módulo assim, então o q a gente faz, a gente pega essa menina, ela desce, junto com o irmão, que é ouvinte, e eles estão no computador sendo treinado os dois, Libras, daí, esses mesmos gestos que eles aprendem aqui, a moça fala comigo, eu vou fazendo junto, a gente monta e eu tento por em prática em sala de aula, a gente tem feito um caminho assim, porque a gente viu que, por exemplo ela não tem linguagem, Libras nada, ela não tinha nada, mas é lógico que ela tem o jeito dela de se comunicar, se comunica MUITO bem, MUITO bem né, a gente até, eu tinha muito, digamos assim, por exemplo, se batem nela, se mostram a língua, ela vem contar tudo pra você, e você entende, só q ela não tem Libras, então a gente achou que era hora, como ela vai indo agora pra primeira série, a gente tem que tentar entrar com isso né, tentar pelo menos o básico e a gente chamou a mãe tudo pra contar que tem o manual pra mãe também, entendeu, então tá sendo um trabalho que a gente tem feito com ela, é o ideal? A gente sabe que não é. Ela deveria estar fazendo curso e a mãe também mas a mãe tá grávida, pra você ter uma idéia, ela tem ela que tem seis anos, cinco pra seis, tem o outro que tem quatro e ela está grávida pra ela ter bebê. E aí a gente marcou junto com CEFAL, tem uma escola aqui de Rotary Clube, não sei se vocês conhecem, o Rio Branco, a gente marcou lá já pra ela ir dia 21, eu vou junto, aí a gente vai com ela lá. Então é uma mãe que não tinha, ela não tinha audiometria de agora, não tinha NADA, ela não tem nada, porque largou, entendeu, assim, as escolas por onde ela foi também ninguém pediu então ela foi deixando, ela nem sabe por que a menina é Surda, ela não sabe, ela não tem essa noção, se foi alguma coisa com ela de gravidez, se foi depois, ela não sabe, e demorou três anos pra ela ver que a menina era Surda, aos três anos que a gente pensa que a creche que deve ter visto né que alguma coisa aconteceu, que deve ter reparado, é o primeiro diagnóstico que ela tem e único, severa, ela tem ?? Severa, e daí então foi a gente falando, a gente falando, só esse ano que a

mãe parece que abriu um pouquinho a guarda e tá ficando mais próxima, querendo, querendo vir entendeu, porque a gente falou pra ela, agora, a partir de agora, ela precisa dá uma de (expressão inaudível), Ela não vai poder ir em escola normal só né, a gente queria que ela tivesse uma outra coisa pra ela, mesmo que ela vá numa escola regular, mas que ela tenha um apoio fora da escola, se não ela vai ter muita dificuldade.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Então, capacitação eu tenho, depois eu fiz esse curso da PUC que eu to falando mas daí não é de Surdo é de deficiente mental.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Conhecimento de Libras, o que eu tenho, foi um pouquinho que eu tive em cursos e isso que a gente agora montou, porque a gente tem um material que veio da secretaria municipal, tem um monte de vídeo, não sei se vocês já tiveram acesso, é muito legal, tem história, tem tudo, tudo que vocês podem imaginar, então é isso que a gente tem usado com ela, é o acesso que eu tenho hoje é esse que a gente tá fazendo né.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não, que é o mesmo que o ouvinte não é porque é uma língua, ele precisa de uma outra língua que tem uma estrutura de língua né e que é isso que a gente quer com a minha aluna, que ela aprenda de um outro jeito né, porque a gente vê,

por exemplo, eu faço as mesmas coisas que eu faço com eles todos eu faço com ela mas o que eu preciso? Eu preciso de apoio visual pra ela, então, depois que eu dou a lição pra todo mundo ela vem na minha mesa e ela já sabe que é a hora dela, aí eu volto na mesa, por exemplo, se assisto um vídeo, eu tenho que depois pegar a capinha “não, lembra, é assim, a gente assistiu, vamos desenhar”. Então, mas aqui na EMEI é muito mais fácil né, do que vai ser depois quando ela precisar de uma língua mesmo né.

Então, por quê? Porque ela precisa dessa parte língua mesmo, da estrutura da língua.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Este uso de técnicas, o que a gente usa é isso, computador a gente tem usado com ela mas eu vou te dizer que não é junto com os outros, a gente desce ela, ela tem um momento que a gente que ela desce, ela e o irmão, porque a gente acha importante o irmão saber por que ele fala muito mais com ela do que a gente aqui então se ele dominar alguma técnica é mais fácil pra ele passar, e ele é muito esperto e ele tá também junto com ela nisso.

(entrevistador): Até por que em casa né?

É, e ele vai ser nossa ponte pra contar pra mamãe e o papai como é que ela tá fazendo aqui, entendeu, é essa nossa assim, se vai dar certo a gente não sabe né, nós tamos tentando.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Ela, eu avalio ela como eu avalio o grupo todo junto, por ele mesmo, não tem comparação ela com o outro não, é ela ela, como eu acho, como eu creio aqui que isso a gente também põe nos documentos, que a avaliação tem que ser de cada um né sem comparação com o outro porque eles são únicos e ela também agora que ela teve muitos avanços, muitos avanços, por exemplo, ela escreve o nome sozinha, ela faz cópias, tudo isso ela conseguiu assim, de vendo mesmo, mas assim, só que ela, por ela querer ver tudo ao mesmo tempo né, porque tem essa coisa do visual então ela se dispersa, é um dois pra ela porque ela faz tudo ao mesmo tempo, tudo, ela tá olhando o outro lá e repete, repete o que, o comportamento do outro né, então assim, com ela difícil eu ter tempo pra eu centrar ela em mim, eu tenho que ir na mesa dela, eu sento com ela, eu tiro ela do lugar, igual a mesma coisa, porém eu fico com ela um tempo. Isso não preciso contar pra vocês que é difícil né, porque a gente tem 30, na sala dela a gente conseguiu fechar com 30 porque a diretora ajuda a gente bastante nisso, ela sempre consegue q a gente feche essa sala q tem mais dificuldades com menos alunos, só que esse menos alunos no nosso caso é 30, e todo mundo tem 35, então eu tenho 30 né, então a gente consegue, o aproveitamento dela, assim, eu vejo que é muito bom mas que fica muito aquém daquilo que a gente poderia fazer se ela tivesse numa sala de apoio por exemplo, no horário inverso, que não tem na região ainda ?????. A gente tem as escolas, você sabe q a gente tem né no município de São Paulo a gente tem as cinco escolas de Surdos né, são cinco, cada região, não são todas as regiões que tem e a gente tem a escola de Surdos e temos algumas salas de apoio só que aqui no Butantã não tem nenhuma de Surdo. A gente pretende abrir uma aqui que talvez eu que fique aqui na escola ao lado, é uma coisa que a gente tem batalhado, mas a gente não tem.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Em relação aos colegas eu acho que é muito fácil a inclusão, muito fácil. Não sei como ela estará em EMEF porque EMEF são maiores, talvez o preconceito surja de uma outra forma mas aqui não tem problema, eles todos falam com ela, um dia até se vocês quiserem vir pra vocês verem como ela se porta, eles brincam com ela, outro dia, acho que sexta ou quinta-feira eu tava vendo, eles brincavam dela tá morta, eu falei “como é que ela percebe né que é pra brincar de morrer, por exemplo, de se fazer de morta” e ela ficava que você podia ir lá, sacudir, que ela sabia quem é que ia fazer o toque pra ela acordar. Sabe, então é uma coisa assim, eu fico admirada como ela faz as coisas, como ela vai no banheiro, como ela entrega os cadernos, ela sabe que dia de entrega eu pego ajudante e ela também é ajudante normal, e aí ela tem que ir lá, e eu falo o nome, e eu acho, eu penso que ela guarda pela capa do caderno, porque ela não tá lendo ainda. Então, ela tem uma percepção assim muito grande de tudo que acontece, e ela se vira sem problema nenhum, sem problema nenhum. Com isso aqui a gente não tem problema nenhum, eu tenho assim, eu sinto que eles tem um pouco de ciúmes né desses momentos que eu sou dela, porque eu aviso pra eles desde o começo “olha, ela é um pouco diferente e tem hora que eu vou precisar ficar com ela”, e eles abrem mal, mas só que lógico que eles ficam vindo, cada cinco minutos vem uma” ah professora me ajuda aqui, ah professora”, mas eu vejo que é por conta de que é o momento dela e eles querem né, também um pouquinho. E é difícil também não é, eu sei que é né. Mas é assim que a gente tem feito aqui com ela. Eu sei que poderia ser MUITO melhor, muito melhor, a gente sabe mas aqui pra gente conseguir que usasse o computador já foi né, porque a gente não tem computador pra eles aqui, então ela desce e fica naquela sala com as professoras, e ela (referindo-se a diretora) deixa usar, a gente montou as coisas, tem montado, mas isso foi difícil, não foi assim fácil. Incluir não é fácil. Incluir não é fácil porque você precisa primeiro estar limpa de tudo que é coisa que você pensou sobre né.

Anexo VII

Entrevista Professor G

- **O que acha da educação inclusiva?**

É um termo muito amplo né, que precisa de uma discussão muito embasada e que a gente estamos fazendo, no meu entender, no Brasil muito de qualquer jeito e correndo. Então, assim, temos que incluir porque as pessoas não podem ficar de fora do processo educativo? Ta, então ela não pode ficar de fora a “enfio” dentro da sala regular, não dou preparação para ninguém e ele ta incluído. Não, não ta! Ele está presente. Na melhor das hipóteses ele esta presente, na minha opinião. Então, eu acho que a educação inclusiva, da maneira que funciona ela até funciona desde que seja separada para tal.. Funciona a inclusão para o Surdo? Funciona sim! Mas de primeira a quarta série não! Porque qual a realidade que temos do Surdo brasileiro? O Surdo que a gente recebe na escola publica, ele chega com sete anos para a primeira série e não tem linguagem, não que ele não tem uma língua mas é que ele não tem uma língua estabelecida, ele não tem uma língua suficiente para colocar tudo o que tem de conhecimento, porque conhecimento ele acumula, afinal ele viveu até sete anos, então ele viveu apontando, ele viveu desenhando, mas tem uma comunicação! Mas é uma comunicação como a gente diz convencional. Então quando ele chega na primeira série, você tem que trabalhar dentro de uma convencionalidade e para você convencionalizar tem que ser pela língua de sinais que é a língua deles e a língua de sinais é diferente da língua portuguesa, tem outra gramática, é outra língua. Então quando falamos de outra língua é outra estrutura é uma linguagem visual. É uma modalidade diferente, é uma percepção diferente que ele faz do mundo. A criança quando chega no ensino regular junto de ouvinte, ela vai trazendo as experiências ouvintes que ela tem, então você tem uma criança de seis anos que chega na primeira serie e pergunta – “Qual seu nome?” ela não sabe escrever mas sabe te dizer qual é o nome dela. Quando ela chega com sete anos na escola e se você fizer o sinal de qual seu nome, o Maximo que ela vai fazer quando ver e

tiver o reflexo do sinal é repetir o mesmo sinal que você faz, e até ela compreender que ela tem um nome a relação das pessoas da família que ela tem mãe, pai compreender isso demora. Então eu acredito em inclusão, mas inclusão pedagógica. Mas acredito que inclusão pedagógica para Surdos de primeira a quarta série é dentro de conhecimentos da língua de sinais e a partir daí ele já tem um conhecimento da língua de sinais que são duas línguas diferentes e que a língua portuguesa é diferente da língua de sinais. A inclusão pedagógica é complicada, a inclusão social a gente faz em qualquer lugar. Então assim, você pode fazer inclusão social num parque, na rua, na igreja, na escola também. Em que momento? No momento em que a língua (expressão inaudível) o fato da língua não (expressão inaudível) essencial. Em aulas de alfabetização

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Eu trabalho com Surdos há sete anos, então o que eu tenho para trabalhar com este aluno Surdo: pedagogia com habilitação, tenho o EDAC² que dá acesso a isso. Só o “edaque” funciona? Não! Só o “edaque” é uma coisa que você tem um ano e meio para te habilitar nessa área específica de deficiência auditiva. O que que precisa? Fiz pós-graduação, em ensino superior e nessa especialização fiz um trabalho de conclusão de curso sobre a inclusão de alunos Surdos, tive essa oportunidade de continuar estudando, procuro participar de palestras, seminários, então todos os tipos de informações e sobre a questão de surdez eu procuro fazer e também Libras. Porque você nunca está pronta né, um curso de Libras o professor tem que ter porque se ele não tem fluência em Libras como é que ele vai interagir com o aluno? Como é que ele vai passar conceitos que muitas vezes são conceitos densos, são conceitos complexos e sem uma adequação ele não consegue, se ele não tem essa via de comunicação com o aluno, sem

² Equipe de Atendimento e Diagnóstico Clínico – uma clínica que agrega o conhecimento das diferentes áreas de saúde e educação.

comunicação não dá! Esse professor que trabalha com pedagogia e que trabalha com alfabetização tem que estar lendo, fazer curso de alfabetização...então o código de comunicação ali é comum mas o professor que trabalha com Surdo independente da instancia que ele estiver ele tem que ter língua de sinais, mesmo que o aluno esteja incluído no ensino regular...Ah! O professor fez um curso de Libras básico I e como é que ele vai explicar pro aluno, por exemplo, que a cobra não é má só pelo fato de comer o passarinho e que ela faz isso por uma questão de sobrevivência. Quando tem um canal direto para explicar isso para o aluno, ele vai levar esse conhecimento, então são conhecimentos que tem que passar pela língua de sinais.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Resposta na questão anterior.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Eu gostaria de ter um conhecimento muito maior do que eu tenho. Eu tenho conhecimento de língua de sinais sim! Desde quando terminei a faculdade e desde quando comecei a trabalhar eu nunca parei de fazer cursos. E atualmente a gente esta com um curso aqui (escola) né?! A prefeitura subsidia um curso de língua de sinais para todas as professoras que trabalham com aluno Surdo.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Eu acredito que o aluno Surdo aprende a ler e escrever em termo é igual, o ouvinte é muito auditivo se a gente pensar em termos de via de canais é diferente se a gente pensar em termos metodológico, pode ser igual. O ouvinte vai aprender o que? Ele vai fazer a relação grafema/fonema e o Surdo vai fazer a representação visual, então para ele não interessa se para ele se cachorro e cavalo começam com “c” e “a” que é “ca” e “ca” para ele o cachorro é uma unidade, é uma palavra é uma leitura inteira e “cavalo” é uma leitura inteira totalmente diferente. Então essas relações sonoras elas vão acontecer na hora que o Surdo vai aprender a ler e escrever mas ele vai fazer isso de maneira visual. Então, ele vai “digitando” e memorizando né, então criar a memória visual dessas palavras para pode escrever, se ele não fazer essa memória visual e se não apresentar uma vez não ele ler, ele vai ter que aprender em segunda língua, ele vai escrever em segunda língua. Ele até pode ler em primeira língua que é uma questão de aprendizado e de treino, ele vai ter q ler num processo instrumental porque o que interessa é o entendimento da mensagem do conteúdo e não a compreensão de palavras por palavras. Então a leitura ela vai ser uma leitura sinal-palavra-sinal-palavra-sinal-palavra, então vai ser uma leitura de entendimento. E o ouvinte não, ele ate aprende palavra pó palavra que vai fazer sentido para ele né. E para o Surdo isso não faz sentido.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Não. Eu acho que a única técnica diferente que eu uso é a língua de sinais. Mas por exemplo; até porque eu acho que eu não precise facilitar no ensino para eles né. Eu acho que é uma teoria que a gente aprendeu “Ah! Vamos mudar o texto, vamos tirar essa palavra que é difícil”, e hoje tenho certeza que o conhecimento que a gente tem, a formação que a gente vai buscando eu já vejo que isso não é necessário porque se a gente continuar facilitando texto, o

Surdo vai continuar a ter um texto pobre porque não tem vocabulário, porque não apresenta um vocabulário rico, mas o professor cobra um vocabulário rico. Como? Se ele não tem conhecimento desse vocabulário, então não tem que facilitar. Eu acho que você só tem que “comerciar”. Então a questão da diferenciação a técnica é a língua de sinais e técnicas visuais, porque se eu acredito que a língua de sinais é uma língua visual eu não posso ficar pautado muito em coisas de lousa, copia ou sem explicar de maneira visual.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Este ano nós tivemos mudanças aqui na estrutura do município, até o ano passado nos tínhamos três escolas que atendia criança surda: uma no centro, uma na zona norte e outra na zona sul. Até por conta do nosso trabalho em quanto professoras, a gente sentiu na necessidade de estar junto até os alunos estarem juntos, que criassem mesmo uma comunidade aí a gente resolveu que estivéssemos juntos numa escola só, então conseguimos vir para o centro onde facilitaria o acesso para as pessoas e então assim nós estamos fazendo essa experimentação. Como é que a gente mede o aprendizado, nós aplicamos provas normais como as outras séries, mas você observa o aluno no dia-a-dia o que ele faz e o que ele não fazia e o que ele tá fazendo de melhor e no que melhorou. Então você também compara, precisa sim fazer uma comparação dele próprio mas também dele com o grupo.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Eu vejo como aluno da classe especial, mas ainda vejo algo muito difícil na escola. A gente tem seis salas especiais de Surdo, três de manhã e três a tarde, eu trabalho de manhã então a minha leitura é uma leitura que não tem ainda uma interação, nem entre os alunos ouvintes e nem entre os funcionários, então o pátio

aqui da escola é muito grande então eles ficam desse lado da cozinha, dificilmente você vê um aluno Surdo misturado e quando eles tão sempre no grupo com eles dificilmente você vê um aluno ouvinte com eles né...e assim, a gente sempre tem reclamações - “Ah! Eles são muito violentos, são muito grandes, eles empurram.”, e não é porque você está querendo proteger seu aluno, mas no pátio grande isso também acontece com nossos alunos só que tem o inspetor chega lá e fala “Pára, quem que começou?..Vou levar você para...”. Com o aluno Surdo não tem essa interferência porque não sabe como interagir, então assim...”ele empurrou!” mas as vezes isso é uma brincadeira, é uma brincadeira boba que deve evitar? É!”mas é uma brincadeira. Uma função comunicativa efetiva eu acho que eu quero acreditar que isso será possível daqui um ou dois anos que tenha mudado. Até porque todos os Surdos virão para cá e a gente quer continuar o projeto, então a comunicação desses alunos deve melhorar, então eu não posso dizer que existe uma inclusão social, existe a presença dele, eles estão na escola eles sabem que os ouvintes estão na escola mas ainda não estão compartilhando a mesma coisa até porque a escola não está adequada para eles.

Anexo XIII

Entrevista Professor H

- **O que acha da educação inclusiva?**

Eu não acredito na educação inclusiva pelo fato de que a gente tem que dar um total apoio para aquele indivíduo com necessidades especiais e os demais 30 alunos da sala também. Na minha sala tem 35, um D.A (deficiente auditivo), um Down e um Déficit de Linguagem escrita. Então ou eu tenho que deixar os 3 para trabalhar com os 30, ou deixo os 30 e trabalho com os 3. Então eu não acredito na Educação Inclusiva.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Não me sinto preparada, por isso procurei fazer os cursos aqui no CEFAL e isso me auxilia bastante na sala de aula. Mas pelo número de alunos em sala de aula não me sinto preparada e me sinto um pouco a desejar.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Quando recebi a aluna, não tinha recebido capacitação alguma. Tinha graduação de artes, uma graduação de ciclo normal e quando recebi os meus alunos, começaram a surgir cursos no CEFAL e eu comecei a fazer o curso de Libras de terça, tem cursos de sábado também tem curso. Então eu estou sendo capacitada aos poucos e ao longo do ano e são coisas muito importantes.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Tô recebendo o curso este ano que está sendo fornecido pelo Cefai toda segunda feira com carga horária de 20 horas e termina em dezembro, então tô recebendo a inicialização de Libras.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

No caso da minha aluna é porque ela tem baixa audição. E ela é muito mais visual. Mas já tive sala de primeira série que para gente ensinar ler e escrever para eles também era a partir de imagens, figuras. Então eu acho que ser mais taxativo para que ela possa aproveitar melhor

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Uso imagem freqüentemente, uso a fala normal, tanto que aprendi no curso de Libras que a gente não pode ficar soletrando muito a palavra tem que falar normalmente como estivesse falando com outros. Uso mais o manual, o visual, menos escrita porque ela ainda não tem uma coordenação boa. Não tenho uma técnica específica não!

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Eu tenho dificuldade para medir por conta de que o que eu explico, o que eu acho que eu conquistei esta semana, na semana seguinte ela vem faltando. Tanto ela, quanto meu Down. Mas é... eu acho que ela aproveita sim... e eu sempre tenho que estar repetindo. E sempre quando eu repetia eu fazia meio que uma sondagem como faço com os normais.. Não sei se estou fazendo certo ainda, como disse essa é a minha primeira experiência. Eu meço por meio de sondagem mesmo. Dou figuras para tentar escrever, vejo se ela olha a escrita para ver se ela consegue identificar a figura.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Sim! Todo mundo sabe que ela tem essa dificuldade, todos falam com ela, tem mais cuidado com ela. Então há cuidado com ela. Então uma relação mesmo sendo quarta série e ela estão sendo alfabetizada as atividades de grupo. Dentro da sala de aula eu coloco ela próxima de mim, então eu coloco uma carteira próxima da minha mesa.

Anexo IX

Entrevista Professor I

- **O que acha da educação inclusiva?**

Muito boa, essas pessoas tem direito né? E faz parte da vida como qualquer outra pessoa. Os professores que que procurar se aperfeiçoar, porque é uma tarefa difícil mas muito importante para qualquer cidadão. Porque antigamente a gente via que pessoas de inclusão a maioria das pessoas ficavam em casa, o pai não tinha o conhecimento de levar para escola e então hoje eu acho que está excelente, as crianças tem mais que ir para escola mesmo. É uma tarefa difícil mas que não cabe apenas ao professor mas como toda a comunidade escola, para dar apoio, para estar ajudando. Então eu acho ótimo! Eu tenho uma criança surda com implante coclear, e assim que recebi esta criança eu já tinha feito curso básico de Libras. Assim que esta criança chegou na sala já procurei aqui o Cefai. Só que depois quando conversei com a mãe, ela disse que não queria que tivesse fazendo um trabalho com Libras com ela.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Assim que recebi esta criança, vim para cá (Cefai) para pedir orientação, faço curso de Libras por mais que não possa usar sinais com ela “a pedido da mãe e das fonos que estão acompanhando ela. Mas ela traz alguns sinais de casa como: dormir, beber água, ir ao banheiro, então é assim que estou me comunicando com ela.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Estou fazendo curso.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Olha, Libras é muito difícil para gente ouvinte, assim, eu tô aprendendo assim... é pouco né? Mas pretendo fazer uma pós em Libras porque me interessei muito sobre o assunto né. Gostei muito, meu professor é muito assíduo e isso favoreceu muito, eu me encantei sabe?! A gente tem que saber conversar com as pessoas surdas. Seria até importante uma política educacional, isso é uma opinião minha, ao ensinar inglês! Para que a gente precisa de inglês? As escolas, eu acho, que deveriam ensinar Libras porque tem pessoas brasileiras que são assim, a gente não tá conseguindo se comunicar. Eu acho que Libras tinha que estar junto ao currículo escolar independente de ter Surdo ou não na sala de aula.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Minha criança tem só 4 anos, então assim, essa fase de ler e escrever não está ainda nessa fase. Mas as atividades dela é rica em detalhes, ela já consegue escrever o nome, ela faz as atividades com muito capricho bem detalhista.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Então, eu mostro a figura e falo com ela, ela repete do jeito que ela acha, algumas palavras já tirei dela como: gato, mamãe. Então até a mãe sabe que é um processo demorado. Por isso não a opção de Libras por mais que tenha alguns sinais na família.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Ela é muito assim, como já te falei fora de série, muito caprichosa, e assim, a gente não comparar mas a avaliação de educação infantil é um processo, ela já veio de outra escola mas pelo fato de ter convivido em outras escolas acho que ela já tem uma base. É um processo de avaliação desde o início do ano, de acordo com a brincadeira e nas atividades.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

No começo, como ela usa aparelho as crianças ficaram curiosas né, e como é esse aparelho, o por que ela usa esse aparelho. Procurei explicar e até coloquei nas crianças, falei que a menina precisava disso para ouvir. No início as crianças ficaram muito curiosas, mas depois ela acabou se interagindo, interagindo muito bem com as crianças sabe, brinca, briga, brinca, briga, como qualquer outra criança, faz bagunça, ela faz atividades normais.

Anexo X

Entrevista Professor J

Obs: Professor preferiu fazer entrevista por escrito.

- **O que acha da educação inclusiva?**

Boa, para o aluno, mas confusa para os professores de sala regular.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Não, mas busco apoios para aproveitar as oportunidades na sala e adequar “situações” para o desenvolvimento individual e coletivo entre todos.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Estou sendo, curso de Libras, fornecido pela Prefeitura desde março e irá até dezembro.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Sim, mas é o básico, o que me permite traçar uma pequena comunicação.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não, pois utilizam palavras chaves, não tendo a composição das frases em “Português”.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Sim, uso de muitas imagens, de histórias conhecidas (clássicos), de programas de TV.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

O aproveitamento é razoável, e é medido pelas respostas que o aluno consegue dar (comunicação real).

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Acredito que nenhum Surdo ou “deficiente” realmente esteja incluído, pois ainda é uma “realidade” recente e com isso, tudo são “experiências”, há muitas tentativas com acertos e erros, acredito que num futuro poderá haver a inclusão” na palavra” e no sentido real.

Anexo XI

Entrevista Professor K

- **O que acha da educação inclusiva?**

Bom, eu acho muito boa, muito boa porque você tem a oportunidade de trabalhar, fica entre aspas, com alguém que você nunca nem viu, nunca nem teve contato e você vê que muitas vezes, o mínimo que você faz dá resultado. Muito bom.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Preparada eu posso dizer que não me sinto totalmente, mas eu acho que a gente tem a oportunidade de correr atrás, buscar novas oportunidades, buscar tudo que for possível e ao meu alcance pra aquela criança evolua da melhor forma possível.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

A princípio não, eu peguei o aluno sem saber realmente qual era o problema dele e a capacitação que eu fiz mesmo foi correr atrás, vir aqui (referindo-se ao CEFAL C.L.), conversar com as meninas, fazer o curso de Libras e pesquisar muito na internet, correr atrás dos métodos pra saber o que eu to fazendo também, então tem muito, assim, por ter sido muito em cima da hora, peguei numa semana na outra já comecei a trabalhar com ele, então assim, o que eu pude fazer no início eu fiz e o restante foi só com o tempo mesmo.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Eu tenho o básico né. O curso quando começou eu achei um pouco difícil, é complicado pra quem nunca teve contato, mas pra mim eu acho que pra eu poder ter o aluno de inclusão eu to me esforçando o máximo pra aprender o mais rápido possível então ampliando ele também.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não, não é. Não é porque assim, com o ouvinte você trabalha um pouco mais rápido e a dificuldade que você tem, ele pode falar e você tá me ????. Com a criança que tem deficiência auditiva não, primeiro porque se você não tem uma experiência a criança nem te conhece não tem como nem se comunicar com você, só depois de um tempo que você vai ver qual a necessidade dela e como ela se comunica com você, pra depois você saber qual a dificuldade dela, então isso demora muito tempo, é bem difícil.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

Então, porque eu faço de muitas técnicas. Comecei com as figuras, imagens, só imagens, local pra ele, como ele tem deficiência auditiva, deficiência mental e autismo, então são várias coisas em uma criança só, então a idéia principal que eu tive foi trabalhar com figuras pra ele mostrar aquilo que ele queria e através da figura fui introduzindo gesto, então eu ia lá mostrava a figura, ia lá fazia o gesto pra ele conhecer aquilo e ele com o tempo foi se adaptando, daí agora eu tirei a figura e eu trabalho só com os gestos mesmo.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Olha, o aproveitamento que ele tem é muito bom, muito bom mesmo porque ele entrou uma criança que não tinha contato com ninguém. Por ser de creche, ele teve muita dificuldade de se adaptar com a sala. Na primeira semana veio uma criança muito agressiva, agressividade dele por não conseguir se comunicar com os outros e os outros também não conseguir se comunicar com ele, então assim, só que eu vi um progresso muito grande, do início do ano pra cá ele fez um progresso muito grande mesmo e, o aproveitamento dele na sala é o básico, é o que ele tem de necessidade no momento, não adianta insistir em coisas que as outras crianças da idade dele tão fazendo eu não posso cobrar que ele faça o mesmo, devido a deficiência que ele tem.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Tá, bastante. Assim, eu fiquei muito feliz assim com o que tá acontecendo, trabalhei muito com ele. Na primeira semana que eu recebi essa criança já conversei com a turma toda, expliquei como que era pra se comunicar com ele, a dificuldade que ele tinha, que era pra ajudar, pra ele ter aquele contato, que não adiantava só eu chegar lá, passar tudo pra criança e não juntar o grupo, então eu tenho um apoio muito grande das crianças, as crianças me ajuda em tudo, as vezes até uma coisa simples que ele não conseguia fazer e que eu tinha que sair a todo momento agora já não preciso sair mais, então, as próprias crianças ajudam ele, se comunicam com ele através dos gestos.

Anexo XII

Entrevista Professor L

- **O que acha da educação inclusiva?**

Eu acho que foi uma ótima idéia né depois de ter havido que todos os países se reuniram na Declaração de Salamanca, foi muito bom que a partir daí que o pessoal começou realmente a efetivar esse trabalho e a gente percebe que embora as escolas não tenham condições específicas e os professores ainda não estão formados né, como deveriam estar construindo aos poucos, eu já tive crianças com vários tipos de deficiência e a gente percebe que é muito bom, eles realmente, a evolução acontece, apesar de não estar preparados adequadamente.

- **Se sente preparado para trabalhar em uma sala regular com alunos Surdos incluídos?**

Então, não, não me sinto preparada. Quando isso acontece a gente busca todos os recursos e pergunta e vai, as vezes acompanha junto com o aluno o dia que ele vai no médico, no fono tal, a gente procura tá acompanhando junto com a família então a gente vai pesquisando, procurando pra lidar com essa situação mas eu não me sinto preparada.

- **Foi capacitado? Qual tipo de capacitação recebeu?**

Não, eu não fui, agora eu estou fazendo curso de Libras, este ano e este ano, mas até então não havia feito e é uma coisa assim, como eu te disse, não tô ainda preparada, mas ajuda e muito né.

- **Tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Qual é esse conhecimento?**

Qual conhecimento de Libras? A gente aprende como lidar, o alfabeto, a cultura deles né, a cultura dos Surdos, mas não especifica exatamente como você vai trabalhar com o Surdo, porque primeiro você vai aprender o básico pra depois estar trabalhando, é um processo né, tudo é difícil, então é um processo lento.

- **A forma pela qual o Surdo aprende a ler e a escrever é o mesmo dos ouvintes? Por quê?**

Não é a mesma, não é a mesma forma. Tem, lógico que tem que ser diferente. E por que não é igual? Por conta que ele não tem as mesmas possibilidades que uma pessoa né, que os outros têm, por não ouvir, então eles têm muita dificuldade, tem que ter várias adaptações né pra tentar ajudar.

- **Faz uso de técnicas que facilitem o aprendizado do aluno Surdo? Quais?**

No caso a gente faz o curso (Libras). Como na prefeitura as coisas demoram um pouquinho pra acontecer, os livros chegaram agora, a gente pesquisa em internet e o pouco tempo que temos pelo fato de trabalharmos o dia inteiro a gente procura estar estudando né, mas é ainda, existem muitos entraves, muitas dificuldades.

- **Qual o aproveitamento de seu aluno na sala de aula? Como esse aproveitamento é medido?**

Olha, isso varia muito de caso pra caso, do tempo, porque normalmente eles não ficam o tempo inteiro.

- **O Surdo está realmente incluído? (em relação aos colegas). Explique como.**

Olha, realmente você fala totalmente incluído? Não, eles se sentem, eles têm muita dificuldade, se sentem perdidos, as vezes eles estão ali fisicamente mas muitas vezes não consegue acompanhar e isso a gente percebe uma certa irritabilidade da pessoa. Tão desvalorizando ele sabe e a gente não consegue entender o que a pessoa quer dizer, então não tá totalmente incluído. Mas o pouco que ele está, eu acredito que isso é benéfico, mas não estão totalmente, de forma alguma.